

EGITO · OUTUBRO DE 2026

O rio, a pedra e o mar

Um guia completo do Egito e do Mar Vermelho: Gizé e Saqqara, o Cairo, a rota norte de Sharm El Sheikh e Luxor

Dive For Fun®

Gabriel Vieira Costa

DIVE FOR FUN APRESENTA

O rio, a pedra e o mar

Cinco mil anos de história, um oceano nascendo e doze dias entre o Nilo e o Mar Vermelho

PRIMEIRA EDIÇÃO
EXPEDIÇÃO EGITO 2026
SÃO PAULO · BRASIL

O rio, a pedra e o mar
Guia do Egito e do Mar Vermelho. Primeira edição, agosto de 2026.

Publicação de cortesia da **Dive For Fun** para os participantes da Expedição Egito 2026, sem valor comercial. Distribuição gratuita.

Pesquisa, texto e projeto gráfico: Dive For Fun e Gabriel Vieira Costa.

Sobre as fontes. Toda data, medida e nome científico deste livro veio de fonte publicada e verificável: egiptologia acadêmica, documentos da UNESCO, literatura oceanográfica revisada por pares, a Lista Vermelha da IUCN e material técnico de quem opera no Mar Vermelho. A lista completa está no apêndice de Fontes. Onde as fontes divergem, e no Egito antigo elas divergem bastante, o livro diz que divergem.

Sobre as datas do Egito antigo. Não existe cronologia absoluta para boa parte do período faraônico. As datas aqui seguem a chamada cronologia convencional e podem variar de algumas décadas entre autores. Quando você vir números diferentes em outro livro ou na placa de um monumento, não é erro de ninguém: é o estado da questão.

Sobre as fotos. Praticamente todas as imagens deste livro foram feitas nos lugares que aparecem nelas, no Egito, e estão em domínio público ou sob licença Creative Commons, creditadas uma a uma na página de Créditos de imagem.

Centro de Mergulho Aquadive by Dive For Fun Ltda.
CNPJ 38.352.485/0001-55
Av. Pedroso de Morais 487, Pinheiros, São Paulo/SP
diveforfun.com.br

“O Egito é uma dádiva do rio.”

HERÓDOTO, HISTÓRIAS, LIVRO II, SÉCULO V A.C.

EXPEDIÇÃO EGITO · 8 A 19 DE OUTUBRO DE 2026

Para quem vai ver as duas coisas

Quase ninguém faz as duas viagens. Ou se vai ao Egito para ver templos, ou se vai ao Mar Vermelho para mergulhar. Este livro é para as dez pessoas que decidiram fazer as duas na mesma passagem.

- Adriana Jorgino de Oliveira
- Flavia Amanda Bortolini
- Gabriel Vieira Costa
- Jose Cicero Domingues Junior
- Juliana Pereira de Sousa
- Mariana Holanda de Andrade Poley Osorio
- Milene Gomes da Costa
- Reinaldo Pereira Larizzatti
- Samanta Maia de Siqueira Soares
- Samuel Karasin

*E à tripulação do **Blue Force 2**, e aos guias em terra, que fazem esta viagem toda semana para que a gente possa fazer uma.*

ESTE EXEMPLAR É DE

ANTES DE COMEÇAR

Uma carta para quem vai

Existe uma coincidência geográfica que quase ninguém percebe. A civilização mais bem documentada da Antiguidade cresceu na margem de um rio que corre a 200 quilômetros de um oceano que estava, e ainda está, nascendo. De um lado, cinco mil anos de pedra cortada. Do outro, uma fenda tectônica que se abre cerca de sete milímetros por ano na altura do Sinai e que já produziu o mar tropical mais ao norte do planeta.

Esta viagem passa pelos dois. Doze dias, três bases, dois mundos que não conversam entre si e que ficam a uma hora de voo um do outro.

A tentação, num roteiro assim, é tratar a parte cultural como intervalo entre mergulhos, ou tratar o mergulho como bônus depois dos templos. Seria desperdício. Karnak e o Estreito de Tiran são, cada um à sua maneira, das coisas mais impressionantes que existem, e as duas ficam muito melhores quando você entende o que está olhando.

Uma parede de hieróglifos deixa de ser decoração no minuto em que você reconhece um cartucho e sabe que aquele oval significa "aqui dentro está o nome de um rei". Um recife do Mar Vermelho deixa de ser bonito e passa a ser espantoso quando você sabe que aquela água tem 41 gramas de sal por litro, nunca recebeu um rio na vida e mesmo assim sustenta 1.200 espécies de peixe, das quais uma em cada dez não existe em nenhum outro lugar do mundo.

Então este livro cobre as duas metades com o mesmo cuidado. Como o Nilo fabricou um país. Como se constrói uma pirâmide sem roldana, sem ferro e sem cavalo. O que exatamente aconteceu na noite de 6 de outubro de 1941 a 30 metros abaixo de onde você vai estar. Por que os corais do norte do Mar Vermelho

aguentam calor que mata coral no resto do planeta. Quem era Hatshepsut e por que apagaram o nome dela das paredes.

Leia antes, leia no avião, leia no convés durante o intervalo de superfície. Ele foi feito para caber na mochila e para voltar com areia entre as páginas.

Boa viagem, e bons mergulhos.

Equipe Dive For Fun

Sumário

CINCO MIL ANOS EM DOZE DIAS

1 Onde vocês vão estar 11
2 O rio que fabricou um país 15
3 Uma linha do tempo de cinco mil anos 18
4 Como ler uma parede 20
5 Deuses, morte e o que estava em jogo 24

GIZÉ E O CAIRO

6 O planalto de Gizé 30
7 Como se constrói uma pirâmide 32
8 A Esfinge 34
9 Saqqara, onde a pirâmide foi inventada 36
10 Os museus do Cairo 40
11 Tutancâmon: o menino que virou o Egito 45
12 A Cidadela de Saladino e o Cairo islâmico 48

UM OCEANO NASCENDO

13 Um oceano em formação 52
14 O mar mais quente e mais ao norte 55
15 O Canal de Suez e a invasão silenciosa 57
16 Outubro: como vai estar o mar 58

QUEM MORA NO MAR VERMELHO

17 O panorama: 1.200 peixes, 10% endêmicos 61
18 Os peixes de todo mergulho 63
19 Tubarões e grandes pelágicos 67
20 Tartarugas, dugongos e corais 70

21 O que não se toca 73

A ROTA NORTE

22 O barco e a rotina 78
23 O mapa da rota 80
24 Ras Mohammed 82
25 O Estreito de Tiran 85
26 O Estreito de Gubal e os naufrágios 88
27 O Thistlegorm 90
28 Técnica, equipamento e segurança 94

LUXOR

29 Tebas, as duas margens 98
30 Karnak 101
31 O Templo de Luxor e a Avenida das Esfinges 104
32 O Vale dos Reis 107
33 Hatshepsut, a faraó 110
34 O resto da margem oeste 113

O PRÁTICO

35 Documentos, dinheiro e gorjeta 116
36 Sol, água, roupa e conduta 119
37 Fotografar o Egito 122

APÊNDICES

Apêndice A · Como a viagem se organiza 124
Apêndice B · Lista de espécies 127
Apêndice C · Glossário 130
Apêndice D · Fontes 133
Apêndice E · Créditos de imagem 135



PARTE UM

Cinco mil anos em doze dias

Um rio que fabricou um país, uma escrita que ficou muda por mil e quatrocentos anos e uma religião inteira construída em torno do que acontece depois

CAPÍTULO UM

Onde vocês vão estar

> *Três bases, dois voos internos e uma travessia de barco. O roteiro cobre 1.200 quilômetros do norte ao sul do Egito.*

O Egito tem cerca de um milhão de quilômetros quadrados e é quase todo deserto. A população vive espremida numa faixa estreita ao longo do Nilo e no delta, o que faz do país um dos lugares mais desigualmente ocupados do planeta: mais de 90% do território é areia e rocha praticamente vazias.

Esta viagem toca três pontos dessa faixa e um quarto que não pertence a ela.

Cairo	Sharm	Luxor
GIZÉ · 2 NOITES	MAR VERMELHO · 7 NOITES	TEBAS · 2 NOITES

Cairo e Gizé, ao norte

O Cairo fica onde o Nilo se abre em delta, no limite entre o Alto e o Baixo Egito. Ali do lado, em Gizé, na borda do platô desértico da margem oeste, está a necrópole mais famosa do mundo. A margem oeste, e não é acaso: para os egípcios antigos, o oeste era onde o sol morria, e portanto onde ficavam os mortos.

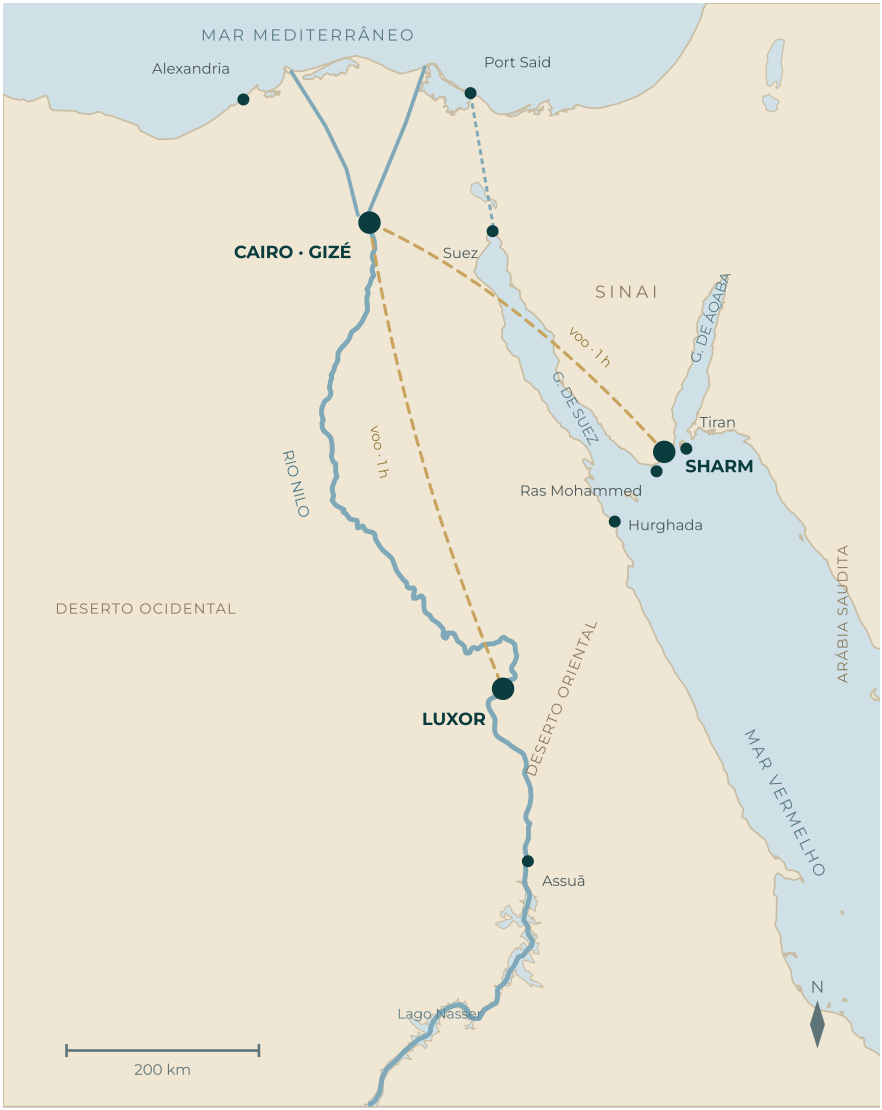
Sharm El Sheikh, na ponta do Sinai

A Península do Sinai é um triângulo de deserto e montanha encravado entre dois braços de mar: o Golfo de Suez a oeste, raso, e o Golfo de Áqaba a leste, profundo. Sharm El Sheikh fica na ponta sul desse triângulo, exatamente onde os dois golfos se encontram e desembocam no Mar Vermelho. É por isso que o

mergulho ali é o que é: toda a água que entra e sai dos dois golfos passa por aquele gargalo.

Luxor, ao sul

Luxor está a cerca de 650 quilômetros ao sul do Cairo, subindo o rio. É a Tebas dos gregos, o Uaset dos egípcios, capital do Egito durante boa parte do Império Novo, e concentra a maior densidade de monumentos antigos do mundo. Karnak e o Templo de Luxor ficam na margem leste, a dos vivos. O Vale dos Reis e o templo de Hatshepsut ficam na oeste, a dos mortos.



Linha de costa, Nilo e lagos a partir de dados do Natural Earth (domínio público).

O roteiro em um mapa. Cairo e Gizé no norte, Sharm El Sheikh na ponta do Sinai, Luxor 650 quilômetros rio acima. Os voos internos saem e chegam ao Cairo: não existe trecho direto entre Sharm e Luxor, então a volta do barco passa pelo Cairo antes de descer o rio. Mapa: Dive For Fun, sobre dados do Natural Earth.

ALTO E BAIXO EGITO, AO CONTRÁRIO DO QUE PARECE

O **Alto Egito** é o sul, e o **Baixo Egito** é o norte. Parece invertido em qualquer mapa moderno, e é: os nomes vêm do curso do rio, que nasce no sul e corre para o norte. Alto é rio acima. Luxor, portanto, é Alto Egito, e o Cairo é a fronteira com o Baixo.

A dupla coroa do faraó junta as duas: a coroa branca cônica do Alto Egito e a coroa vermelha do Baixo. Sempre que você vir as duas empilhadas numa estátua, a mensagem é "rei das duas terras".

CAPÍTULO DOIS

O rio que fabricou um país

> *Todo verão o Nilo transbordava e deixava uma camada de lama fértil sobre o deserto. O Egito antigo é, inteiro, uma consequência disso.*

Heródoto, no século V a.C., escreveu que o Egito é uma dádiva do rio. É a frase mais citada da egiptologia e é literalmente verdadeira.

O Nilo é um dos rios mais longos do mundo e atravessa o deserto do Saara sem receber um único afluente importante nos seus últimos 2.700 quilômetros. Ele vem de longe: das chuvas de monção nas terras altas da Etiópia, pelo Nilo Azul, e dos grandes lagos da África equatorial, pelo Nilo Branco.

A cheia

Antes das barragens de Assuã, as monções etíopes engrossavam o Nilo Azul e produziam, todo ano, uma cheia previsível que chegava ao Egito entre julho e setembro. O rio subia, transbordava e cobria a planície aluvial. Quando as águas baixavam, deixavam para trás uma camada de limo escuro e riquíssimo em nutrientes.

Foi isso, e só isso, que sustentou uma civilização por três mil anos. Os egípcios chamavam a própria terra de *Kemet*, "a terra negra", pela cor daquele limo, em oposição a *Deshret*, "a terra vermelha", o deserto de onde não vinha comida.

UM CALENDÁRIO FEITO DE ÁGUA

O ano egípcio tinha três estações de quatro meses, e as três descrevem o rio. **Akhet**, a inundação, quando os campos ficavam submersos e a mão de obra agrícola ficava livre. **Peret**, a saída das águas, quando se plantava. **Shemu**, a seca, quando se colhia.

A obra pública monumental acontecia em Akhet, com o país inundado e a população disponível. As pirâmides foram construídas, em boa parte, por camponeses que naquela época do ano não tinham campo para trabalhar.

Medir para governar

A altura da cheia definia a colheita, e a colheita definia o imposto. Por isso o Estado egípcio media o rio com obsessão, em estruturas chamadas nilômetros: poços e escadarias graduadas na margem que registravam o nível da água.

Cheia alta demais destruía aldeias. Cheia baixa demais significava fome. A faixa entre as duas era estreita, e administrar essa faixa foi, durante três milênios, a principal função do governo egípcio. Burocracia, escrita, geometria, astronomia e calendário nasceram todos da necessidade de prever e repartir água.



Faluca no Nilo. O barco a vela de casco raso navega o rio há milênios: com a corrente descia-se para o norte, e com o vento dominante do norte subia-se para o sul. Foto: Mustang Joe, CC0, via Wikimedia Commons.

O HIERÓGLIFO QUE PROVA O PONTO

O sinal egípcio para “viajar para o sul” é um barco com a vela içada, porque para subir o rio era preciso vento. O sinal para “viajar para o norte” é um barco com a vela arriada, porque bastava se deixar levar pela corrente. A geografia do país está escrita dentro do próprio alfabeto.

CAPÍTULO TRÊS

Uma linha do tempo de cinco mil anos

> *Entre a Grande Pirâmide e Cleópatra passou mais tempo do que entre Cleópatra e você.*

Esse é o dado que reorganiza a cabeça de quase todo mundo na primeira visita. A Grande Pirâmide foi construída por volta de 2600 a.C. Cleópatra morreu em 30 a.C. São mais de dois mil e quinhentos anos de distância. De Cleópatra até hoje são pouco mais de dois mil. Cleópatra viveu mais perto da invenção do iPhone do que da construção da pirâmide que ela via da janela.

O Egito antigo não é um bloco. É uma sequência de períodos de unidade, separados por períodos de colapso, ao longo de três milênios. A divisão a seguir é a convencional.

c. 3100 a.C.	**Período Dinástico Antigo.** Unificação do Alto e do Baixo Egito. Primeira e segunda dinastias.
c. 2686–2181	**Antigo Império.** A era das pirâmides. Djoser em Saqqara, depois Quéops, Quéfren e Miquerinos em Gizé. Estado forte e centralizado.
c. 2181–2055	**Primeiro Período Intermediário.** Fragmentação política, seca e fome.
c. 2055–1650	**Médio Império.** Reunificação sob Mentuhotep II, que constrói em Deir el-Bahari. Literatura clássica egípcia.
c. 1650–1550	**Segundo Período Intermediário.** Domínio dos hicsos no norte. Chegam o cavalo e o carro de guerra.
c. 1550–1069	**Império Novo.** O auge. Hatshepsut, Tutmés III, Amenófis III, Akhenaton, Tutancâmon, Seti I, Ramsés II. Tebas vira capital. Karnak, o Vale dos Reis e quase tudo que vocês vão ver em Luxor é daqui.

c. 1069–664	**Terceiro Período Intermediário.** Divisão do poder, dinastias líbias e uma dinastia núbia.
664–332	**Baixa Época.** Renascimento saíta, depois duas ocupações persas.
332–30	**Período Ptolomaico.** Alexandre toma o Egito; seu general Ptolomeu funda uma dinastia grega que termina em Cleópatra VII.
30 a.C.	**Egito romano.** O país vira província de Roma e celeiro do império.
século IV d.C.	Cristianização. Os templos fecham e o conhecimento dos hieróglifos se perde.
641 d.C.	Conquista árabe. Começa o Egito islâmico.

UM AVISO SOBRE DATAS

Nenhuma data faraônica anterior a cerca de 690 a.C. é absoluta. Os egípcios contavam os anos pelo reinado de cada rei, e reconstruir a sequência depende de listas reais incompletas, de sincronismos com outras civilizações e de datação por radiocarbono. Entre dois livros sérios você pode achar diferenças de décadas para o mesmo faraó. Não se incomode com isso.

CAPÍTULO QUATRO

Como ler uma parede

> *Você não vai aprender hieróglifo em doze dias. Mas quatro ou cinco sinais mudam completamente o que você enxerga em Karnak.*

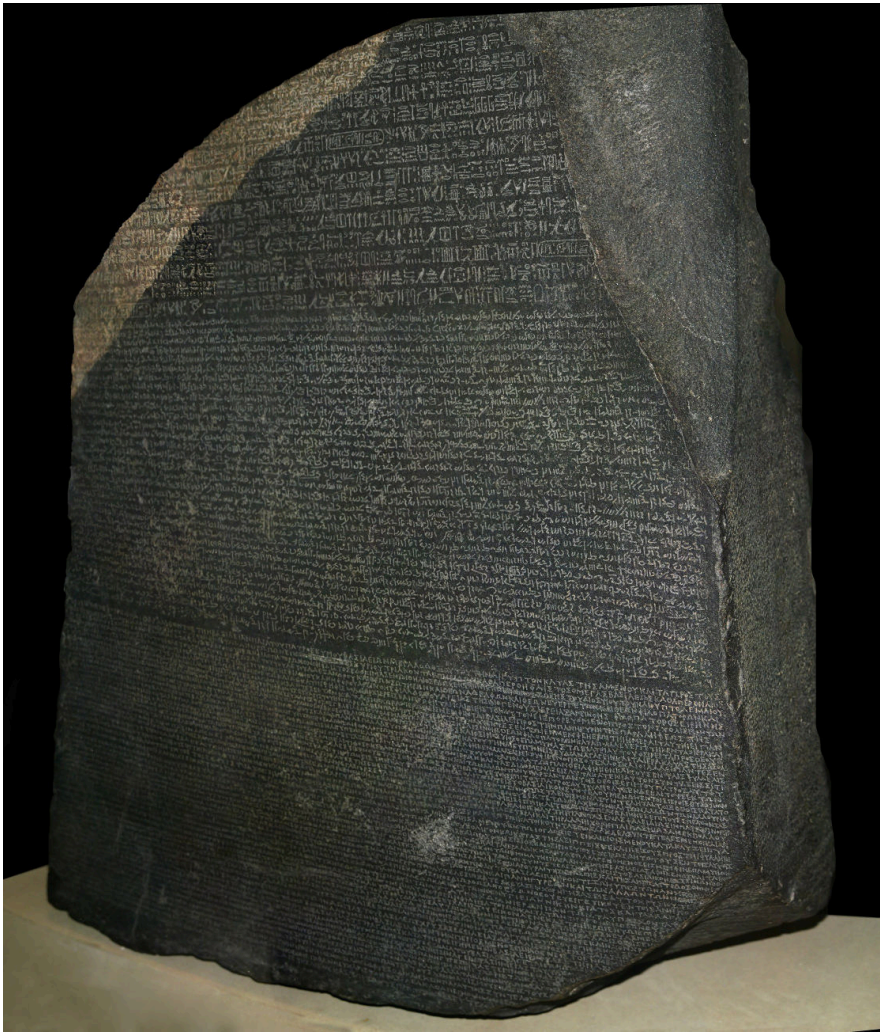
Por mil e quatrocentos anos ninguém no mundo soube ler hieróglifos. O último texto hieroglífico datado é de 394 d.C., no templo de Filas. Depois disso o conhecimento simplesmente morreu, e durante toda a Idade Média e boa parte da Idade Moderna acreditou-se que os sinais eram símbolos místicos, cada um representando uma ideia inteira.

Estavam errados. A escrita egípcia é mista: tem sinais que valem sons, sinais que valem palavras e sinais mudos que servem só para indicar a que categoria a palavra pertence.

A Pedra de Roseta

Em 1799, soldados da expedição de Napoleão ao Egito encontraram em Rosetta uma laje de granodiorito com o mesmo decreto gravado em três escritas: hieroglífica, demótica e grega. Como o grego era conhecido, existia enfim uma chave.

Levou ainda 23 anos. Em **1822**, o francês **Jean-François Champollion** anunciou a decifração, apoiado em trabalho anterior de Thomas Young. A percepção decisiva foi que os nomes reais dentro dos cartuchos eram escritos foneticamente, o que permitiu ancorar valores sonoros e destravar o resto do sistema.



A Pedra de Roseta, no Museu Britânico. O mesmo decreto em três escritas: hieroglífica no alto, demótica no meio e grega embaixo. Foi a repetição dos nomes reais em cartuchos que deu a Champollion o ponto de apoio. Foto: Hans Hillewaert, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons.

Os sinais que valem a pena reconhecer



CARTUCHO

Oval com barra na base. Dentro dele, sempre um nome de rei ou rainha.



ANKH

Vida. O deus estende um ankh ao nariz do faraó: está dando vida a ele.



DJED

Estabilidade. Lido como a coluna vertebral de Osíris.



CETRO WAS

Poder. Cabeça de animal em cima, forquilha embaixo.



UDJAT

Olho de Hórus. Proteção, cura e integridade.



KHEPER

Escaravelho. Vir a ser, transformar-se, renascer.

Os seis desenhos acima são esquemas. Na parede eles aparecem gravados em relevo, pintados, repetidos dezenas de vezes e misturados a centenas de outros sinais. O que muda a visita é conseguir achá-los.

Cartucho

O oval alongado com uma barra numa das pontas. Ele cerca o nome de um rei ou de uma rainha. É um laço de corda, e significa proteção e domínio sobre tudo o que o sol circunda. Se você achar um cartucho, achou um nome real: é o jeito mais rápido de encontrar Ramsés II numa parede.

Ankh

A cruz com alça na parte de cima. Significa vida. Nas cenas de oferenda, um deus quase sempre estende um ankh ao nariz do rei: está literalmente dando vida a ele.

Djed

O pilar com quatro barras horizontais no topo. Estabilidade, permanência. Associado a Osíris, e interpretado como a coluna vertebral do deus.

Was

O cetro reto com cabeça de animal em cima e forquilha embaixo. Poder e domínio. Deuses aparecem segurando o was numa mão e o ankh na outra.

Olho de Hórus (udjat)

O olho estilizado com a marca curva embaixo. Proteção, cura, integridade.

Escaravelho (kheper)

O besouro rola sua bola de esterco como o sol é rolado pelo céu. Significa vir a ser, transformar-se, renascer.

PARA QUE LADO SE LÊ

Hieróglifos podem ser escritos da esquerda para a direita, da direita para a esquerda ou de cima para baixo. A regra é simples: **as figuras humanas e de animais olham para o início da linha**. Se os passarinhos e as cabeças estão virados para a esquerda, leia da esquerda para a direita. Se estão virados para a direita, leia da direita para a esquerda. Você vai testar isso em Karnak no primeiro minuto.



Um cartucho gravado numa coluna, com o nome de trono de Ramsés II. Repare na moldura oval que contorna todos os sinais: é ela que avisa que ali dentro está um nome real. O grande disco à direita é o sol, Rá. Foto: Dapaan, CC BY-SA 3.0, via Wikimedia Commons.



Detalhe pintado do faraó Seti I, na sua tumba no Vale dos Reis. As cores originais sobreviveram porque a tumba ficou selada e no escuro por três mil anos. Foto: Osama Shukir Muhammed Amin FRCP(Glasg), CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons.

CAPÍTULO CINCO

Deuses, morte e o que estava em jogo

> *Quase tudo que sobreviveu do Egito antigo é funerário. Não porque eles fossem obcecados por morte, mas porque construíram túmulos em pedra e casas em barro.*

Vale começar desfazendo um mal-entendido. Os egípcios não eram um povo mórbido. Eles gostavam muito da vida, tanto que dedicaram uma quantidade absurda de recursos a garantir que ela continuasse depois.

A distorção é de material. Casas, palácios e cidades eram feitos de tijolo de barro cru, que o tempo dissolveu. Templos e tumbas eram de pedra, porque eram feitos para a eternidade. Sobrou a eternidade.

Os deuses que você vai encontrar



Rá

Cabeça de falcão com disco solar vermelho.



Amon

Coroa de duas plumas altas e retas.



Osíris

Mumiforme, pele verde, coroa atef, cajado e mangual.



Ísis

Trono estilizado sobre a cabeça.



Hórus

Cabeça de falcão com a dupla coroa.



Anúbis

Cabeça de chacal preto.



Toth

Cabeça de íbis, de bico longo e curvo.



Hathor

Chifres de vaca com disco solar entre eles.



Ma'at

Pena de avestruz na cabeça.

Chave de identificação. Quase sempre o que distingue um deus egípcio do outro é o que ele tem na cabeça. Ilustrações: Jeff Dahl, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons.

Rá

O sol. Atravessa o céu de dia numa barca e o submundo de noite, enfrentando a serpente Apep. Todo nascer do sol é uma vitória que precisou ser conquistada.

Amon, depois Amon-Rá

Deus de Tebas, “o oculto”. No Império Novo se funde a Rá e vira a divindade suprema do país. Karnak é a casa dele, e a escala do complexo mede o poder do seu clero.

Osíris

Rei assassinado pelo irmão Set, esquartejado, remontado por sua esposa Ísis e devolvido à vida como senhor dos mortos. É o mito que dá esperança a todo egípcio: se ele voltou, eu também posso.

Ísis

Esposa de Osíris, mãe de Hórus. Magia, proteção, maternidade. Seu culto se espalhou por todo o Império Romano.

Hórus

Falcão, filho de Ísis e Osíris, vinga o pai e assume o trono. O faraó vivo é Hórus na terra.

Anúbis

Chacal. Preside o embalsamamento e conduz o morto. Chacais rondavam cemitérios do deserto: o deus é a domesticação simbólica de um perigo real.

Toth

Íbis ou babuíno. Escrita, contas, conhecimento. Registra o resultado do julgamento.

Hathor

Vaca ou mulher com chifres e disco solar. Amor, música, alegria, e também senhora do ocidente, que recebe os mortos.

Ma'at

Mais conceito que deusa: verdade, ordem, equilíbrio cósmico. É representada por uma pena de avestruz. Manter Ma'at era a função número um do faraó.

A pesagem do coração

Esta é a cena que você vai reconhecer em papiros e em paredes de tumba. Numa balança, de um lado o coração do morto, do outro a pena de Ma'at. Anúbis opera a balança, Toth anota o resultado.

Se o coração pesar igual ou menos que a pena, o morto passa e segue para o campo de juncos. Se pesar mais, carregado de más ações, é devorado por Ammit, um monstro com cabeça de crocodilo, tronco de leão e traseiro de hipopótamo. Não há inferno com tormento eterno no Egito: há a aniquilação, que para eles era muito pior.



A pesagem do coração, no papiro de Hunefer, por volta de 1275 a.C. Da esquerda para a direita: Anúbis conduz o morto, opera a balança com o coração de um lado e a pena de Ma'at do outro, Ammit espera ao pé da balança, Toth anota o resultado e Hórus apresenta o aprovado a Osíris, entronizado à direita. Museu Britânico, domínio público, via Wikimedia Commons.

Por que mumificar

A pessoa egípcia era composta de várias partes. O **ka**, a força vital, precisava de um corpo reconhecível para retornar e receber oferendas. O **ba**, mais parecido com a personalidade, era representado como um pássaro com cabeça humana e podia sair e voltar. O **nome** precisava ser dito e escrito para que a pessoa continuasse existindo.

Daí decorre tudo: o embalsamamento preserva o corpo para o ka; a estátua funciona como corpo reserva caso o original se perca; as fórmulas nas paredes garantem a comida; e o nome é repetido em toda superfície disponível.

APAGAR UM NOME É MATAR DE NOVO

O outro lado da mesma lógica: raspar o nome de alguém de um monumento equivale a apagar essa pessoa da eternidade. É a punição póstuma máxima, e foi aplicada mais de uma vez na história egípcia. Hatshepsut sofreu isso, e Akhenaton também. Quando você vir um cartucho cinzelado fora da parede em Karnak ou em Deir el-Bahari, não foi vandalismo moderno: foi política, e foi feita para durar para sempre.



PARTE DOIS

Gizé e o Cairo

Dois milhões e trezentos mil blocos, o lugar onde a pirâmide foi inventada, um leão de pedra com cara de rei e uma fortaleza medieval no alto da cidade

CAPÍTULO SEIS

O planalto de Gizé

> *Não são três pirâmides isoladas na areia. É um complexo funerário completo, planejado, com templos, portos, calçadas e uma cidade de operários.*

O complexo de Gizé fica na borda do deserto ocidental, a cerca de 9 quilômetros a oeste do Nilo e uns 13 quilômetros a sudoeste do centro do Cairo. Tudo ali foi construído durante a **Quarta Dinastia** do Antigo Império, entre aproximadamente 2600 e 2500 a.C., ou seja, num intervalo de mais ou menos um século. É Patrimônio Mundial da UNESCO desde 1979, dentro do conjunto "Mênfis e sua necrópole".

As três pirâmides

Quéops (Khufu)

A Grande Pirâmide. Altura original **146,6 metros**, hoje 138,5 metros porque perdeu o revestimento. Base de **230,33 metros** de lado. Inclinação de 51°50'40". Foi a construção humana mais alta do mundo por mais de **3.700 anos**, até a catedral de Lincoln, na Inglaterra, no século XIV.

Quéfren (Khafre)

A do meio, com cerca de 143 metros de altura original. Parece a maior porque foi construída sobre terreno mais alto. É a que conserva, no topo, uma capa do revestimento original de calcário fino: é aquela "touca" lisa que você vai ver de longe e que dá a melhor ideia de como as três eram quando novas.

Miquerinos (Menkaure)

A menor das três, com cerca de 65 metros. Tem uma cicatriz vertical enorme na face norte, tentativa de demolição feita no século XII pelo sultão al-Aziz Uthman, filho de Saladino, que desistiu depois de meses de trabalho.

O que quase ninguém olha

A pirâmide era só a peça central. O complexo padrão do Antigo Império tinha um **templo do vale** junto ao canal que vinha do Nilo, onde o corpo chegava de barco; uma **calçada processional** coberta subindo o planalto; um **templo funerário** encostado na face leste da pirâmide, onde o culto continuaria para sempre; e a pirâmide em si.

Em volta há ainda pirâmides menores das rainhas, campos de mastabas onde foram enterrados parentes e altos funcionários, fossos de barcos e os restos de uma **cidade de operários**, com padarias, cervejarias e alojamentos. Essa última descoberta desmontou de vez a imagem de multidões de escravos: quem construiu Gizé foi mão de obra organizada, alimentada e registrada pelo Estado.

O QUE VOCÊ DEVE FAZER NO PLANALTO

Olhe para a base antes de olhar para o topo. Encoste a mão num bloco e procure com o olho as juntas entre eles: em vários pontos a fresta é de milímetros. Depois ande até o templo do vale de Quéfren, ao lado da Esfinge, onde blocos de granito de dezenas de toneladas foram encaixados com precisão que continua difícil de explicar.

CAPÍTULO SETE

Como se constrói uma pirâmide

> *Sem roldana, sem ferro, sem cavalo e sem roda de transporte pesado. E, desde 2013, com um diário de obra para provar como.*

A Grande Pirâmide foi levantada com cerca de **2,3 milhões de blocos**, somando algo em torno de **6 milhões de toneladas**, em aproximadamente **26 anos**. Se você dividir, dá um bloco posicionado a cada poucos minutos, todos os dias, durante 26 anos. É esse número que faz as pessoas inventarem alienígenas.

A resposta real é menos exótica e mais impressionante: logística.

De onde vinha a pedra

O miolo da pirâmide é calcário local, extraído a algumas centenas de metros dali, no próprio planalto. Você ainda vê as pedreiras. O revestimento externo, fino e branco, vinha de **Tura**, na outra margem do Nilo. O granito das câmaras internas vinha de **Assuã**, 800 quilômetros rio acima.

O diário de Merer

Em **2013**, os arqueólogos Pierre Tallet e Gregory Marouard escavaram Wadi al-Jarf, um porto antigo na costa do Mar Vermelho, e encontraram rolos de papiro. São os **papiros inscritos mais antigos já achados no Egito**, e datam do ano 26 do reinado de Quéops, exatamente quando a pirâmide estava sendo terminada e recebendo o revestimento.

Um deles é o diário de bordo de um inspetor chamado **Merer**, que comandava uma equipe de cerca de **200 homens**. O trabalho dele era transportar por bar-

co os blocos de calcário de Tura até o canteiro de obras de Gizé. O diário registra as viagens: a equipe fazia duas ou três idas e vindas por semana egípcia de dez dias.

Não é teoria. É a folha de ponto da obra, escrita por quem estava lá, encontrada 4.500 anos depois. Para um mergulhador, há um detalhe extra: o porto onde o papiro apareceu fica no Mar Vermelho, o mesmo mar em que vocês vão mergulhar poucos dias depois desta visita.

> **E AS RAMPAS?**
>
> Esse é o ponto que continua em aberto. Existem várias hipóteses sérias, rampa reta frontal, rampa em espiral externa, rampa interna em caracol, e combinações delas, e nenhuma explica sozinha todas as evidências. Se alguém disser que o assunto está resolvido, não está. O que está resolvido é quem construiu, quando, com que pedra e com que organização.

As ferramentas que eles tinham

- **Cobre** para serras e cinzéis, ajudado por areia de quartzo como abrasivo. Ferro só chega ao Egito em escala muito depois.
- **Dolerito**, uma rocha durísima, usada em bolas de percussão para trabalhar granito.
- **Trenós de madeira** puxados por equipes, sobre areia umedecida. Molhar a areia à frente do trenó reduz o atrito de forma significativa, e existe até uma pintura egípcia mostrando um homem fazendo exatamente isso.
- **Alavancas, cordas, rampas e nível de água.** Nenhuma roldana composta.
- **Astronomia**: os lados da Grande Pirâmide estão alinhados com os pontos cardeais com erro de fração de grau, provavelmente por observação estelar.

CAPÍTULO OITO

A Esfinge

> *Setenta e três metros de leão com cara de faraó, esculpidos de dentro de uma pedreira. E não, não foi Napoleão que atirou no nariz.*

A Grande Esfinge tem **73 metros de comprimento**, **19 de largura** e **20 de altura**. É a escultura monumental mais antiga conhecida do Egito e não foi construída: foi *escavada*, talhada diretamente no leito de calcário do planalto, da Formação Mokattam, do Eoceno.

O consenso entre egiptólogos é que a cabeça representa **Quéfren**, e que a obra é da Quarta Dinastia, século XXVI a.C., embora exista uma corrente minoritária que a atribua a Quéops. Ela olha exatamente para o leste, para o nascer do sol.

O nariz

A história de que soldados de Napoleão teriam usado a Esfinge como alvo de canhão é falsa, e a prova é simples: existem desenhos anteriores à expedição francesa de 1798 que já mostram a Esfinge sem nariz. O relato mais citado é o do historiador árabe al-Maqrizi, que atribui a mutilação a um sufi no século XIV, indignado com camponeses que faziam oferendas à estátua.

A areia

A Esfinge passou a maior parte dos seus 4.500 anos enterrada até o pescoço. Isso, ironicamente, é o que preservou o corpo: a areia protegeu o calcário do vento e da chuva, e por isso a cabeça, sempre exposta, está muito mais erodida que o resto.

Entre as patas há uma laje de granito, a **Estela do Sonho**, colocada por Tutmés IV por volta de 1400 a.C. Nela, o príncipe conta que adormeceu à sombra da cabeça e que a Esfinge lhe apareceu em sonho prometendo o trono se ele a desenterrasse. Ele desenterrou. É o registro mais antigo de um restauro arqueológico da história.



A Grande Esfinge de Gizé. A cabeça, sempre exposta ao vento, está bem mais erodida que o corpo, que passou milênios protegido pela areia. Foto: Hamerani, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons.

CAPÍTULO NOVE

Saqqara, onde a pirâmide foi inventada

> *Gizé é o auge. Saqqara é o rascunho, e o rascunho é setenta anos mais velho. Vocês vão ver os dois no mesmo dia.*

Saqqara fica cerca de **30 quilômetros ao sul do Cairo**, na borda do deserto, e foi a necrópole de **Mênfis**, a primeira capital do Egito unificado. É uma faixa de areia e rocha com uns sete quilômetros de comprimento, coberta de pirâmides, mastabas e poços funerários usados de forma contínua do Período Dinástico Antigo até a Idade Média.

Dezesseis reis egípcios construíram pirâmides ali. E foi ali, antes de qualquer outro lugar do planeta, que alguém teve a ideia.

A Pirâmide de Degraus

A **Pirâmide de Djoser** foi construída por volta de **2667 a 2648 a.C.**, na Terceira Dinastia. Tem **seis degraus**, **62,5 metros** de altura e uma base de **121 por 109 metros**, somando cerca de 330 mil metros cúbicos de calcário.

Os números não são o ponto. O ponto é o que ela representa: foi a **primeira pirâmide egípcia já construída**, o mais antigo edifício colossal de pedra do Egito, e o **complexo de pedra completo mais antigo conhecido da história**. Tudo o que veio depois, inclusive as três de Gizé, desce daqui.

c. 2660 a.C.	62,5 m	6	1ª
TERCEIRA DINASTIA	ALTURA	DEGRAUS	PIRÂMIDE DO MUNDO

A ideia por trás dela é visível a olho nu. Até então, um rei era enterrado numa **mastaba**, uma caixa retangular de topo plano. O que Saqqara mostra é uma mastaba com outra menor em cima, e outra menor ainda, seis vezes. É literalmente uma escada, e a interpretação mais aceita é essa mesma: uma rampa para o rei subir ao céu.

A pirâmide reabriu à visitação em **março de 2020**, depois de catorze anos de restauração.

Imhotep

O arquiteto tem nome, o que é raríssimo para essa época. **Imhotep** era chanceler de Djoser e sumo sacerdote de Rá, e é creditado como o inventor da construção em pedra cortada.

O que aconteceu com ele depois é ainda mais notável. Ao longo dos três mil anos seguintes à sua morte, Imhotep foi sendo glorificado até virar **deus**, associado à sabedoria e sobretudo à medicina. Os gregos o identificaram com **Asclépio**, o deus da cura. É um dos pouquíssimos plebeus da história egípcia a ser divinizado.

O QUE PROCURAR NO COMPLEXO

A pirâmide é a peça central de um pátio enorme cercado por muro. Repare nas **colunas engajadas** que imitam feixes de junco e nas **portas falsas de pedra** talhadas para parecer madeira, com dobradiças e tudo. Imhotep estava traduzindo para pedra uma arquitetura que até então era feita de barro, junco e madeira, e copiou os detalhes um por um, mesmo os que não faziam mais sentido estrutural.

O Serapeum

Se der tempo e estiver aberto, é a coisa mais estranha de Saqqara. O **Serapeum** é a catacumba onde eram sepultados os **touros Ápis**, animais considerados manifestação viva do deus Ptah. Cada touro, ao morrer, era mumificado e enterrado com honras de rei.

Foi escavado por **Auguste Mariette** entre **1850 e 1853**. São galerias subterrâneas com nichos laterais, e em cada nicho um sarcófago monolítico de granito, basalto ou diorito, pesando cerca de **40 toneladas**, com tampa de outras **25**. Descer ali e caminhar entre caixas de pedra desse tamanho, feitas para bois, é uma das experiências mais desconcertantes do Egito.

As mastabas dos nobres

A outra razão para vir a Saqqara são as tumbas de altos funcionários, e o motivo é o oposto do que se vê em Gizé. Enquanto tumba real é coberta de textos religiosos, mastaba de nobre é coberta de **vida cotidiana**: pesca no Nilo, contagem de gado, padaria, cervejaria, marcenaria, música, colheita, gente brigando e gente rindo.

É a melhor fonte visual que existe sobre como se vivia no Antigo Império, e está gravada em baixo-relevo com uma delicadeza que sobreviveu quatro mil e

quinhentos anos.

POR QUE VER SAQQARA E GIZÉ NO MESMO DIA É UMA SORTE

Separam as duas cerca de **setenta anos** e um salto técnico gigantesco. De manhã vocês vão ver a versão final, geometricamente perfeita, revestida de calcário polido. À tarde vão ver o protótipo, ainda em degraus, ainda descobrindo como se faz.

Visite nessa ordem e Gizé impressiona. Visite pensando em Saqqara e Gizé passa a fazer sentido.

CAPÍTULO DEZ

Os museus do Cairo

> *São três, todos grandes, todos chamados de "o museu egípcio" por alguém. Vale saber qual é qual antes de chegar.*

A coleção faraônica do Cairo passou por uma mudança enorme nos últimos anos, e o resultado é que hoje existem **três** museus principais, com acervos divididos entre eles. Confundir um com o outro é o erro mais comum de quem chega.

O MUSEU DO ROTEIRO DE VOCÊS

O museu contratado para esta viagem é o **Grand Egyptian Museum**, o novo, em Gizé, a dois quilômetros das pirâmides. É onde está a coleção completa de Tutancâmon e a estátua colossal de Ramsés II.

Vale saber que existem outros dois, porque todo mundo no Cairo chama qualquer um deles de "o museu egípcio", e a confusão é comum até entre guias. Os três estão descritos a seguir, começando pelo de vocês.

Grand Egyptian Museum, em Gizé

O de vocês, e o mais novo museu de civilização do mundo. Abriu oficialmente em **1º de novembro de 2025**, a cerca de dois quilômetros das pirâmides. Foi anunciado em 1992, começou a ser construído em 2005 e custou **1,2 bilhão de dólares**. É o **maior museu do mundo dedicado a uma única civilização**.

100 mil+	5.398	11 m
PEÇAS NO ACERVO	PEÇAS DE TUTANCÂMON	ESTÁTUA DE RAMSÉS II

A entrada é um saguão de **10.000 metros quadrados**, com cobertura de vidro e fachada transparente pela qual se enxergam as pirâmides lá fora. No meio dele está a estátua colossal de **Ramsés II**, com **11 metros** de altura e cerca de **83 toneladas**, transferida do centro do Cairo, onde passou décadas numa praça engolida pelo trânsito.

Do átrio sai a Grande Escadaria, uma subida larga onde estátuas monumentais são dispostas em ordem cronológica. Você sobe atravessando três mil anos, e no topo há uma janela emoldurando o planalto de Gizé. O prédio inteiro foi desenhado para essa última frase.

A galeria de Tutancâmon ocupa **7.500 metros quadrados**. Pela primeira vez desde 1922, as **5.398 peças** encontradas na tumba KV62 estão expostas juntas, em vez de divididas entre reserva técnica e vitrines espalhadas.

Museu Egípcio, na Praça Tahrir

O clássico. Inaugurado em **1902**, projeto do arquiteto francês Marcel Dourgnon, é o prédio neoclássico cor-de-rosa que aparece em toda foto antiga do Cairo. Guarda em torno de **170 mil peças**.

Ele é o oposto de um museu moderno, e é justamente isso que muita gente ama. Vitrines de madeira e vidro, etiquetas datilografadas, luz natural entrando pelas claraboias, corredores lotados de estatuária sem cordão de isolamento. Você caminha entre sarcófagos empilhados como quem anda num depósito magnífico.

Com a transferência de boa parte do acervo estrela para o GEM, o museu de Tahrir perdeu peças, mas continua imenso e continua guardando conjuntos extraordinários do Império Antigo e Médio. Se você gosta de museu com cheiro de museu, vai gostar mais deste do que do novo.

Museu Nacional da Civilização Egípcia, em Fustat

O terceiro, e o menos citado nos roteiros. Fica no Cairo Antigo e é onde estão as **múmias reais**, na Sala das Múmias Reais, transferidas em 2021 numa procissão pela cidade que virou evento televisionado mundial. Se vocês tiverem meio dia livre no Cairo e quiserem ver Ramsés II em pessoa, é aqui.



A estátua de Ramsés II no átrio do Grand Egyptian Museum. Onze metros e cerca de 83 toneladas de granito. Foto: Sohilaali869, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons.

COMO APROVEITAR O GEM

Reserve tempo e escolha. O GEM não se faz em duas horas, e tentar ver tudo é a receita para não ver nada. Escolha três ou quatro conjuntos antes de entrar, vá direto a eles com calma, e deixe o resto para a próxima. Museu egípcio não se esgota, se visita.

CAPÍTULO ONZE

Tutancâmon

> *Um faraó pouco importante, morto aos dezoito anos, que virou o rosto do Egito antigo por um único motivo: foi o único que os ladrões não conseguiram esvaziar.*

Tutancâmon nasceu por volta de **1342 a.C.** e reinou de aproximadamente **1332 a 1323 a.C.**, na Décima Oitava Dinastia. Morreu com cerca de **18 anos**. Subiu ao trono criança, num momento de crise: seu antecessor, Akhenaton, tinha tentado substituir a religião tradicional pelo culto de um único deus solar, Aton, e mudado a capital. O reinado de Tutancâmon foi, em grande medida, o desmonte dessa reforma e a volta a Amon, mudança que está no próprio nome dele.

Do ponto de vista político, ele é uma nota de rodapé. Depois de sua morte, Ay e Horemheb apagaram sistematicamente o período de Amarna dos registros, e Tutancâmon foi junto. Foi esse esquecimento que salvou a tumba dele.

4 de novembro de 1922

Howard Carter escavava o Vale dos Reis havia anos, financiado por **George Herbert, quinto conde de Carnarvon**, sem resultado. Carnarvon havia dado a ele uma última temporada. Em **4 de novembro de 1922**, os trabalhadores descobriram o primeiro degrau de uma escada, sob os restos de cabanas de operários antigos.

A tumba, catalogada como **KV62**, tinha sido violada na Antiguidade, mas fora reselada e depois soterrada. Manteve quase todo o conteúdo original: **5.398 objetos**, entre eles carros de guerra, camas, tronos, armas, roupas, comida, e a máscara funerária de ouro que virou o símbolo do Egito no mundo inteiro.





A máscara funerária de Tutancâmon, em ouro maciço com incrustações de lápis-lazúli, cornalina e vidro. Foto: Tarekheikal, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons.

A "MALDIÇÃO"

Lorde Carnarvon morreu em abril de 1923, no Cairo, de septicemia a partir de uma picada de mosquito infectada ao se barbear. A imprensa da época construiu a partir disso a lenda da maldição do faraó. Estudos posteriores acompanharam as pessoas presentes na abertura da tumba e não encontraram mortalidade fora do esperado. Howard Carter, que abriu tudo com as próprias mãos, morreu em 1939, dezessete anos depois.

CAPÍTULO DOZE

A Cidadela de Saladino e o Cairo islâmico

> *Depois de três mil anos de faraó, o roteiro dá um salto de dois milênios e cai numa fortaleza medieval. Vale entender o que mudou no meio.*

Há uma armadilha mental em qualquer viagem ao Egito: tratar o país como se ele tivesse parado em Cleópatra. Não parou. Depois dos faraós vieram gregos, romanos, bizantinos, e a partir de **641 d.C.** a conquista árabe, que definiu a língua, a religião e a arquitetura do Egito que existe hoje.

O Cairo é uma cidade **medieval islâmica**, não faraônica. Ela nem existia na época das pirâmides: a capital antiga era Mênfis, mais ao sul. O centro histórico do Cairo é Patrimônio Mundial da UNESCO desde 1979, e a Cidadela é o seu ponto mais alto, no duplo sentido.

Saladino

Salah al-Din, o Saladino dos textos europeus, é o personagem por trás da fortaleza. Curdo, fundador da dinastia aiúbida, sultão do Egito e da Síria, ficou conhecido no Ocidente por ter retomado Jerusalém em 1187 e por sua conduta nas Cruzadas, que lhe rendeu reputação de cavalheirismo até entre os adversários.

Foi ele quem mandou construir a **Cidadela**, entre **1176 e 1183**, num esporão do monte Mocatam escolhido por um motivo simples: dali se vê a cidade inteira e o ar é mais fresco. A fortaleza recebeu grandes reformas depois, entre **1310 e 1341**, sob an-Nasir Muhammad, e de novo entre **1805 e 1848**, sob Muhammad Ali Pasha.

Por cerca de setecentos anos, a Cidadela foi a **sede do governo do Egito**. Sultões, mamelucos, otomanos e a dinastia de Muhammad Ali governaram todos daquele mesmo morro.

A Mesquita de Alabastro

O que domina a silhueta hoje não é medieval, é do século XIX. A **Mesquita de Muhammad Ali** foi construída entre **1830 e 1848**, e é chamada de Mesquita de Alabastro pelo revestimento de suas paredes internas e externas.

A arquitetura é deliberadamente **otomana**, não egípcia: uma cúpula central cercada de meias-cúpulas, e dois minaretes finos e altíssimos, com **84 metros** cada, os mais altos do Egito. Muhammad Ali estava fazendo uma declaração política em pedra, alinhando o Egito com Istambul em vez das tradições mamelucas locais.

Por dentro é penumbra, tapete e uma quantidade absurda de lustres suspensos em círculos. É um dos poucos interiores no Egito onde o assunto é atmosfera, não história antiga.

O RELÓGIO QUE NUNCA FUNCIONOU

No pátio externo há uma torre com um **relógio de bronze**, presente de **Luís Filipe**, rei da França, a Muhammad Ali, em 1845. A tradição conta que foi retribuição pelo obelisco de Luxor, hoje na Place de la Concorde, em Paris.

A parte engraçada, e amplamente repetida no Egito, é que o relógio chegou danificado e nunca funcionou direito. Vocês vão ver o outro lado dessa troca daqui a uma semana, quando estiverem na frente do Templo de Luxor olhando o espaço vazio onde estava o segundo obelisco.

A vista

Do terraço da Cidadela se vê o Cairo inteiro, e nos dias claros as **pirâmides de Gizé** aparecem no horizonte, do outro lado da cidade. É a melhor síntese visual da viagem: cinco mil anos de história empilhados num único enquadramento, com um engarrafamento no meio.

ENTRANDO NA MESQUITA

É um lugar de culto em funcionamento. Sapato fora na entrada, ombros e joelhos cobertos, e cabelo coberto para mulheres, com um lenço leve que vale levar na bolsa. Fale baixo e não fotografe pessoas rezando. Se houver chamada para a oração enquanto vocês estiverem lá, a visita pausa: é normal e dura poucos minutos.

PARTE TRÊS

Um oceano nascendo

O Mar Vermelho não é um mar: é um oceano jovem, aberto por tectônica há trinta milhões de anos e ainda crescendo enquanto vocês mergulham nele

CAPÍTULO TREZE

Um oceano em formação

> *A África e a Arábia estão se separando. A rachadura entre elas encheu de água, e é nela que vocês vão entrar.*

O Mar Vermelho ocupa um **rifte**, uma fenda tectônica onde duas placas se afastam. De um lado a Placa Africana, do outro a Placa Arábica. O Rifte do Mar Vermelho faz parte do mesmo sistema do Grande Vale do Rifte, que corta a África de cima a baixo.

O processo começou há cerca de **30 milhões de anos**, quando a crosta continental começou a se esticar e afinar. Ao longo dos últimos 13 a 20 milhões de anos, o estiramento passou a produzir crosta oceânica nova no fundo. Ou seja: o Mar Vermelho está no meio da transição de vale rasgado para oceano de verdade.

A separação continua. Ela é mais rápida no sul, com cerca de 24 milímetros por ano na altura de 12° N, e mais lenta no norte, com aproximadamente **7 milímetros por ano** na latitude de 27° N, que é justamente onde fica o Sinai. Sete milímetros por ano é a velocidade com que sua unha cresce em uma semana. Em dez milhões de anos, é um oceano.

O QUE ISSO SIGNIFICA PARA O MERGULHO

Rifte significa **parede**. Em um mar formado por afastamento de blocos, a plataforma costeira é estreita e o fundo despenca. É por isso que no Mar Vermelho você entra na água a poucos metros da praia e, dez braçadas depois, tem 300 metros embaixo de você. É a mesma geologia que dá aos recifes de Tiran o formato de mesas isoladas com paredões verticais em volta.

Dois golfos, dois mundos

O braço norte do Mar Vermelho se divide em dois, com a Península do Sinai no meio. Os dois golfos têm quase o mesmo comprimento e nada em comum debaixo d'água.

	Golfo de Suez	Golfo de Áqaba
Lado	Oeste do Sinai	Leste do Sinai
Comprimento	314 km	188 km
Largura	32 km	24 km
Profundidade média	40 m	centenas de metros
Profundidade máxima	**70 m**	**1.850 m**

Setenta metros contra mil oitocentos e cinquenta. O Golfo de Suez é uma bacia rasa que continua sendo continente afogado; o de Áqaba é uma fossa profunda no eixo do rifte. Essa diferença explica boa parte do que vocês vão ver: o Thistlegorm está no lado raso, deitado a 30 metros, e por isso é mergulhável; a parede de Tiran está do lado profundo, e por isso some no azul.

Salgado como poucos

O Mar Vermelho é um dos corpos d'água mais salgados do mundo, e a razão é aritmética simples. A evaporação é altíssima, a chuva é quase nula, **nenhum rio importante desemboca nele** e a única conexão com o oceano aberto é o estreito de Bab-el-Mandeb, ao sul, que é raso e estreito.

Resultado: a salinidade vai de cerca de **36 gramas por litro no sul a 41 no norte**, com média em torno de 40. A média dos oceanos do mundo é 35. Você vai sentir na pele: a água é mais densa, você flutua um pouco mais, e o lastro que você usa no Brasil pode não servir aqui.

AJUSTE DE LASTRO NO PRIMEIRO DIA

Água mais salgada é água mais densa, e água mais densa empurra você para cima com mais força. Some a isso roupa nova ou cilindro de alumínio e a conta muda. Faça o teste de lastro com calma no primeiro mergulho, com o cilindro perto do fim, e não chute. Mergulhador subpesado no fim do mergulho é mergulhador que não segura a parada de segurança.

2.250 km	2.730 m	40 g/L	30 Ma
DE COMPRIMENTO	PROFUNDIDADE MÁXIMA	SALINIDADE MÉDIA	IDADE DO RIFTE

CAPÍTULO QUATORZE

O mar mais quente e mais ao norte

> *Recife de coral tropical a 28 graus de latitude norte, na mesma linha do deserto do Saara. Não deveria existir.*

O Mar Vermelho é o **mar tropical mais setentrional do planeta**. Sharm El Sheikh fica quase a 28º N, mais ao norte que Cancún, mais ao norte que Havaí. Nessa latitude, no Atlântico ou no Pacífico, não há recife de coral: a água é fria demais.

Aqui há, e o motivo é o mesmo que torna o mar salgado. Uma bacia longa, estreita, cercada de deserto dos dois lados e com uma única porta estreita para o oceano aberto se comporta quase como uma piscina: aquece muito, retém o calor e não é resfriada por correntes vindas de latitudes altas.

26–30 °C	~2 °C	22 °C
SUPERFÍCIE NO VERÃO	VARIAÇÃO NO INVERNO	MÉDIA GERAL DA ÁGUA

A temperatura média da superfície no verão fica em torno de 26 °C no norte e 30 °C no sul, e a variação sazonal é de apenas cerca de 2 °C. Comparado com Cocos, com Galápagos ou com o litoral brasileiro, isso é uma estabilidade quase artificial. Não existe termoclina brutal aqui: você desce 40 metros e a água continua praticamente a mesma.

Os corais que aguentam mais calor

Esta é a parte mais interessante e a mais atual. Corais no mundo inteiro branqueiam quando a água passa cerca de 1 °C **acima da máxima média de verão** por algumas semanas. É um limiar apertado, e é por isso que o aquecimento global é uma sentença para tantos recifes.

Os corais do norte do Mar Vermelho não seguem essa regra. Em experimentos, espécies comuns do Golfo de Áqaba não branquearam quando expostas a 1 e 2 °C acima da máxima local de verão, e toleraram temperaturas de até cerca de **32 °C, uns 5 °C acima da máxima local**. É uma margem térmica extraordinária.

A explicação mais aceita é histórica. Quando o Mar Vermelho foi recolonizado a partir do Oceano Índico, depois de períodos em que virou quase um lago salgado, as larvas de coral tiveram que atravessar o sul do mar, que é bem mais quente. Só passou quem aguentava calor. Os corais do norte descendem desses sobreviventes, e carregam uma tolerância térmica que hoje sobra para as condições locais.

UM REFÚGIO, MAS COM LIMITE

Por causa disso, o norte do Mar Vermelho é apontado como um dos poucos possíveis **refúgios climáticos** para corais até o fim do século. É uma boa notícia com data de validade: em 2024, pela primeira vez registrada, uma onda de calor marinha provocou branqueamento em parte desses corais "super-resistentes" em águas de Israel e da Jordânia. A margem é grande, mas não é infinita.

CAPÍTULO QUINZE

O Canal de Suez e a invasão silenciosa

> *Em 1869 o homem ligou dois mares que a natureza mantinha separados. Mais de mil espécies aproveitaram a carona.*

O **Canal de Suez** foi aberto em **novembro de 1869**, ligando o Mediterrâneo ao Mar Vermelho e, portanto, ao Oceano Índico. Do ponto de vista comercial, mudou o mundo. Do ponto de vista biológico, também.

Desde então, mais de mil espécies marinhas do Mar Vermelho, de plâncton a peixes, atravessaram o canal e se estabeleceram no Mediterrâneo oriental. O fenômeno tem nome: **migração lessepsiana**, em homenagem a Ferdinand de Lesseps, o engenheiro do canal.

O fluxo é quase todo em uma direção só, do Mar Vermelho para o Mediterrâneo, e algumas dessas espécies se tornaram invasoras agressivas. O peixe-leão, que vocês vão ver em todo mergulho aqui, é um dos que hoje ocupam a costa do Levante e avançam para o oeste.

A IRONIA DA HISTÓRIA

Um dos maiores experimentos não intencionais de biologia da invasão do planeta foi feito para encurtar a viagem entre Londres e Bombaim. E a mesma obra que exportou espécies do Mar Vermelho trouxe até aqui, em 1941, um cargueiro britânico chamado Thistlegorm, que estava esperando para atravessar o canal quando foi bombardeado. Vocês vão mergulhar nele.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Outubro: como vai estar o mar

> *Vocês escolheram, sem querer ou querendo, um dos dois melhores meses do ano para mergulhar no Sinai.*

Outubro e novembro são a alta temporada do mergulho no Sinai, e por bons motivos: o calor extremo do verão já passou, a água continua quente, o vento diminui e a visibilidade fica no seu melhor.

26–28 °C	~30 °C	30–40 m
ÁGUA	AR DE DIA	VISIBILIDADE

O que esperar

- **Água entre 26 e 28 °C**, caindo devagar ao longo do mês. Roupa de **3 mm** resolve para a maioria. Quem sente frio ou faz quatro mergulhos por dia leva 5 mm, e um colete de capuz fino ocupa nada na mala.
- **Ar em torno de 30 °C de dia** e noites bem mais frescas. No convés, depois do mergulho noturno, com vento e roupa molhada, esfria de verdade. Leve um moletom.
- **Visibilidade frequentemente acima de 30 metros**, e não é raro passar de 40. Isso muda a fotografia por completo em relação ao que a gente está acostumado no Brasil.
- **Vento e mar**: o norte do Mar Vermelho tem vento dominante de norte. Nos pontos expostos, como o Estreito de Tiran e Ras Mohammed, isso vira cor-

rente e ondulação. Outubro é mais calmo que o verão, mas "calmo" não quer dizer parado.

- **Sol**: a radiação no Sinai em outubro ainda é forte. Protetor solar de recife, camiseta de lycra e boné no convés.

O DETALHE QUE PEGA QUEM VEM DO BRASIL

A água é quente e o ar é seco. Essa combinação desidrata muito mais rápido do que parece, e você não percebe porque o suor evapora na hora. Com quatro mergulhos por dia, desidratação é o fator de risco de descompressão mais subestimado da viagem. Beba água o dia inteiro, mesmo sem sede, e vá com calma no álcool a bordo.

Por que sábado

O embarque no liveaboard cai sempre num **sábado**: é o dia fixo de saída da rota norte a partir de Sharm El Sheikh, e o ciclo inteiro de sete noites está montado em cima disso. Vale saber porque explica o desenho da viagem em terra, que se encaixa antes e depois dessa semana.



PARTE QUATRO

Quem mora no Mar Vermelho

Mil e duzentas espécies de peixe, duzentas de coral e um endemismo de dez por cento, resultado de milhões de anos de porta quase fechada

CAPÍTULO DEZESSETE

O panorama

> *Uma em cada dez espécies de peixe que você vai ver nesta viagem não existe em nenhum outro mar do mundo.*

O Mar Vermelho é um ecossistema rico e, mais importante, **peculiar**. Já foram registradas mais de **1.200 espécies de peixes**, das quais aproximadamente **10% são endêmicas**. Somam-se a elas mais de **1.000 espécies de invertebrados**, cerca de **200 tipos de coral duro e mole**, mais de **175 espécies de nudibrânquios**, muitos deles endêmicos, e **44 espécies de tubarão** registradas.

Endemismo desse nível não acontece por acaso. Ele é produto do mesmo isolamento que deixa a água salgada: uma bacia longa, fechada em três lados por deserto, ligada ao Índico só por um estreito raso ao sul. Em períodos glaciais, com o nível do mar baixo, essa ligação chegou a se estreitar a ponto de o Mar Vermelho quase virar um lago hipersalino. Quem sobreviveu ali dentro evoluiu separado.

1.200+	10%	200	44
ESPÉCIES DE PEIXE	ENDÊMICAS	TIPOS DE CORAL	ESPÉCIES DE TUBARÃO

SÓ EM RAS MOHAMMED

O parque nacional na ponta do Sinai concentra **mais de 220 espécies de coral**, das quais **125 são corais moles**. É essa proporção de coral mole que dá aos recifes daqui aquela aparência de jardim colorido em vez de estrutura pétrea: o que você vai fotografar em Tiran e em Ras Mohammed são, em boa parte, animais sem esqueleto rígido, balançando na corrente.



Peixes-borboleta-do-mar-vermelho (*Chaetodon semilarvatus*), endêmicos e quase sempre aos pares, num recife de Sharm El Sheikh, com anthias e um cirurgião-azul ao fundo. É esta a lotação normal de um recife egípcio. Foto: Diego Delso, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons.

CAPÍTULO DEZOITO

Os peixes de todo mergulho

> *Aprenda seis espécies antes de embarcar e o recife inteiro muda de cara.*

Anthias-de-cauda-de-lira LC

Pseudanthias squamipinnis

É a nuvem laranja que cobre o recife inteiro. Eles vivem em cardumes enormes acima do coral, comendo plâncton na corrente, e recuam para dentro da estrutura quando algo se aproxima. As fêmeas são laranja; os machos, maiores, são mais roxo-avermelhados e têm um prolongamento na nadadeira dorsal.

O detalhe biológico é bom: a espécie é **hermafrodita protogínica**. Todos nascem fêmeas, e quando o macho dominante do harém morre, a fêmea maior do grupo muda de sexo e assume o lugar dele, em dias.

Peixe-palhaço-do-mar-vermelho LC

Amphiprion bicinctus

Endêmico do Mar Vermelho e do Golfo de Áden. Duas faixas brancas, corpo laranja escurecendo para quase preto nos adultos. Vive em simbiose com anêmonas: uma camada de muco o protege dos nematocistos, ele ganha abrigo e a anêmona ganha um faxineiro agressivo, que defende o território contra peixes que comeriam seus tentáculos.



Macho de anthias-de-cauda-de-lira (*Pseudanthias squamipinnis*), reconhecível pelo tom arroxeado e pelo prolongamento na dorsal. As fêmeas, laranja, formam a nuvem ao redor dele. Foto: Diego Delso, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons.



Peixes-palhaço-do-mar-vermelho (*Amphiprion bicinctus*) numa anêmona *Heteractis magnifica*. Duas faixas brancas, e endêmicos daqui e do Golfo de Áden. Foto: Diego Delso, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons.

Peixe-borboleta-de-dorso-vermelho LC

Chaetodon paucifasciatus

Outro endêmico regional, e um dos mais bonitos do recife: corpo branco riscado de escuro com uma grande mancha laranja-avermelhada na parte traseira. Costuma andar em casal, porque muitos peixes-borboleta formam pares que duram anos.

Baiacu-mascarado LC

Arothron diadematus

Também endêmico do Mar Vermelho. Corpo claro, cara escura como se usasse uma máscara. Nada devagar, com as peitorais, e permite aproximação, o que faz dele um dos retratos mais fáceis da viagem. Não provoque para ver inflar: inflar é resposta de estresse extremo e machuca o animal.



Peixe-borboleta-de-dorso-vermelho (*Chaetodon paucifasciatus*). A mancha laranja-avermelhada na traseira é a assinatura da espécie. Foto: Diego Delso, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons.



Baiacu-mascarado (*Arothron diadematus*). A máscara escura em volta dos olhos dá nome ao bicho. Endêmico do Mar Vermelho. Foto: Diego Delso, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons.

Peixe-napoleão EN

Cheilinus undulatus

O gigante do recife, chegando a mais de 2 metros e 180 quilos. Adulto tem uma corcova proeminente na testa e lábios grossos. É **Em Perigo** na Lista Vermelha da IUCN, vítima da pesca para o comércio de peixe vivo na Ásia.

Como os anthias, muda de sexo, mas no sentido contrário: alguns indivíduos nascem fêmeas e viram machos com a idade. Em Ras Mohammed alguns napoleões estão acostumados a mergulhador e chegam perto. Não alimente, e não tente tocar.

Peixe-crocodilo LC

Papilloculiceps longiceps

Achatado, camuflado, imóvel sobre a areia ou o cascalho por horas. Você vai passar por cima de vários sem ver. Vale procurar: os olhos têm uma íris rendilhada espetacular, e é uma das melhores fotos macro do Mar Vermelho.



Peixe-napoleão (*Cheilinus undulatus*). Corcova na testa e lábios grossos. Passa de dois metros e está Em Perigo. Foto: Diego Delso, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons.



Peixe-crocodilo (*Papilloculiceps longiceps*) parado na areia em Ras Mohammed. Vocês vão passar por cima de vários sem ver. Foto: Diego Delso, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons.

CAPÍTULO DEZENOVE

Tubarões e grandes pelágicos

> *Quarenta e quatro espécies registradas no Mar Vermelho. Na rota norte, em outubro, algumas são plausíveis e outras são loteria.*

Tubarão-de-recife-de-pontas-brancas VU

Triaenodon obesus

O mais comum. Corpo esguio, pontas brancas na dorsal e na cauda, frequentemente parado no fundo sob uma saliência. Caça à noite. Inofensivo para mergulhador.

Tubarão-cinzento-de-recife EN

Carcharhinus amblyrhynchos

Mais robusto, com a borda da cauda marcada de preto. Aparece nos cantos expostos dos recifes de Tiran e em Ras Mohammed, patrulhando a corrente. Se um deles baixar as peitorais, arquear as costas e nadar em zigue-zague, isso é **exibição de ameaça**: recue devagar, sem virar as costas, e o assunto acaba ali.

Tubarão-martelo-recortado CR

Sphyrna lewini

O Jackson Reef, no Estreito de Tiran, tem registro de cardumes de martelo no verão. Em outubro a probabilidade já é bem menor, mas não é zero. Se aparecer, vai ser no azul, fundo, e será o momento da viagem.

Tubarão-oceânico-de-pontas-brancas CR

Carcharhinus longimanus

Não confunda com o de recife: este é um animal de mar aberto, robusto, com nadadeiras enormes, arredondadas e com a ponta branca bem marcada, quase sempre acompanhado de peixes-piloto. Está **Criticamente em Perigo**.

É mais comum nos recifes offshore do sul do Egito, como Elphinstone e Brothers, mas ocorre no norte. É uma espécie curiosa e persistente, que se aproxima e volta. As regras nesse encontro são claras: grupo junto, ninguém isolado, contato visual permanente com o animal, subida controlada e nada de nadar na superfície esperando o bote.

Tubarão-baleia EN

Rhincodon typus

Aparece no Mar Vermelho, com mais frequência entre maio e julho. Em outubro é sorte grande. Se acontecer: não toque, não bloqueie o caminho, não use flash na cara e mantenha distância de pelo menos três metros.

Os outros grandes

- **Barracudas** em cardumes cilíndricos girando lentamente na corrente, especialmente em Ras Mohammed.
- **Xaréus** e **carangídeos** caçando nas bordas do recife, cortando os cardumes de anthias.
- **Atum** e **bonito** passando rápido no azul.
- **Golfinhos-rotadores** (*Stenella longirostris*), residentes em algumas enseadas rasas do Sinai.
- **Arraias-jamanta** e **raias-águia**, ocasionais.



Tubarão-oceânico-de-pontas-brancas (*Carcharhinus longimanus*) em Elphinstone, no sul do Egito. Repare no que identifica a espécie: peitorais enormes e arredondadas em forma de remo, primeira dorsal também arredondada, e a ponta branca marcada nas duas. Embaixo, os peixes-piloto (*Naucrates ductor*) que quase sempre o acompanham. Foto: Thomas Ehrensperger, CC BY-SA 3.0, via Wikimedia Commons.

CAPÍTULO VINTE

Tartarugas, dugongos e corais

> *O que come alga, o que come esponja e o que construiu a paisagem inteira.*

Tartaruga-de-pente CR

Eretmochelys imbricata

A mais vista nos recifes do Sinai. Bico pontudo e ganchudo, casco com placas sobrepostas e borda serrilhada. Come principalmente esponja, e é uma das poucas criaturas do mar que consegue: esponja é praticamente vidro com toxina. Criticamente em Perigo, caçada durante séculos justamente pelo casco.

Tartaruga-verde EN

Chelonia mydas

Maior, de bico arredondado. Adulta é herbívora e pasta em bancos de grama marinha, o que a torna mais comum em enseadas rasas de fundo mole do que na parede.

Dugongo VU

Dugong dugon

O único mamífero marinho herbívoro que vive só em água salgada. Existem no Mar Vermelho, associados a bancos de grama marinha, e são raríssimos de ver na rota norte. Ainda assim entram na lista, porque um dugongo é o tipo de encontro que muda a viagem de qualquer um.

Os corais

A arquitetura do recife é obra de **corais duros**, que depositam esqueleto de carbonato de cálcio ao longo de séculos. Você vai reconhecer os gêneros *Acropora*,

ramificados e em mesa, *Porites*, em domos maciços, e corais-cérebro com sulcos sinuosos.

Por cima dessa estrutura crescem os **corais moles**, que não constroem esqueleto rígido e enchem de água para se sustentar. O gênero *Dendronephthya* é a marca visual do Mar Vermelho: arbustos rosa, laranja e roxos, translúcidos, que incham quando há corrente e murcham quando ela para. Eles não têm algas simbiontes e não dependem de luz, então crescem em teto de caverna, em costado de naufrágio e em overhang.

Há ainda as **gorgônias**, leques rígidos e ramificados plantados de través na corrente para filtrar o que passa.



Coral mole do gênero *Dendronephthya*. Sem esqueleto rígido e sem algas simbiontes, cresce inclusive no escuro e incha com a corrente. Foto: Diego Delso, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons.



Recife raso em Naama Bay, Sharm El Sheikh, com moreia e cardumes de peixes-sargento e borboletas. É esta a densidade de vida que o Mar Vermelho entrega a cinco metros de profundidade. Foto: 74papa, CC BY 4.0, via Wikimedia Commons.

CAPÍTULO VINTE E UM

O que não se toca

> *O Mar Vermelho é um lugar seguro. As poucas maneiras de estragar a viagem envolvem, todas, encostar em coisas.*

Nada aqui caça mergulhador. Todos os acidentes com fauna no Mar Vermelho são defensivos, e quase todos acontecem por contato ou por invasão de território.

Coral de fogo

Millepora spp.

Não é coral verdadeiro, é parente das águas-vivas. Amarelo-mostarda com as pontas esbranquiçadas, em forma de lâmina ou de ramo. Queima na hora e a marca dura dias. É o número um dos acidentes no Mar Vermelho porque as pessoas se apoiam nele para tirar foto.

Peixe-leão LC

Pterois miles

Lindo, lento e cheio de espinhos venenosos na dorsal. Não é agressivo e não ataca, mas também não sai do caminho, o que faz dele um risco para quem recua sem olhar. Dor intensa. Fotografe à vontade, só não encoste e não faça marcha à ré.



Coral de fogo (*Millepora dichotoma*). Amarelo-mostarda com as pontas esbranquiçadas. Não é coral verdadeiro, é parente das águas-vivas, e é o campeão de acidentes no Mar Vermelho. Foto: Diego Delso, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons.



Peixe-leão (*Pterois miles*). Os espinhos venenosos estão na dorsal, naquelas hastes longas abertas em leque. Ele não ataca: o acidente acontece quando alguém recua sem olhar. Foto: Diego Delso, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons.

Peixe-pedra

Synanceia verrucosa

O peixe mais venenoso do mundo, e invisível. Parece uma pedra coberta de alga, no fundo, imóvel. O antídoto existe, mas o problema é chegar até ele. Nunca apoie a mão nem o joelho no fundo, nem em cascalho de aparência inofensiva.

Peixe-gatilho-titã

Balistoides viridescens

Este é o único do Mar Vermelho que pode ir atrás de você, e vai. Na época de reprodução, o titã cava um ninho em forma de funil na areia e defende um território **cônico, que se alarga para cima**. Nadar para a superfície é entrar mais fundo no território dele.

Se um titã começar a te encarar de lado e avançar, afaste-se **na horizontal**, rente ao fundo, mantendo a nadadeira entre você e ele. Os dentes cortam neoprene sem esforço.



Peixe-pedra (*Synanceia verrucosa*). Está no centro da foto, e é assim que ele aparece no fundo: exatamente como uma pedra encrostada. Por isso a regra é não apoiar mão nem joelho em lugar nenhum. Foto: Diego Delso, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons.



Peixe-gatilho-titã (*Balistoides viridescens*). O único do Mar Vermelho que vai atrás de você, e só na época de ninho. Afaste-se na horizontal, nunca subindo. Foto: Diego Delso, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons.

Moreias

Gymnothorax spp.

Abrem e fecham a boca para respirar, não para ameaçar. Só mordem quando alguém enfia a mão na toca ou tenta alimentar. Mordida de moreia infecciona com facilidade.



Moreia-gigante (*Gymnothorax javanicus*) na toca. A boca aberta não é ameaça: é assim que ela bombeia água pelas guelras para respirar. Foto: Diego Delso, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons.

A REGRA QUE RESOLVE TODAS

Flutuabilidade neutra e mãos junto ao corpo. Se você não encosta em nada, nada encosta em você, e o recife também agradece: uma nadadeira mal colocada quebra em um segundo um coral que levou trinta anos para crescer.

PARTE CINCO

A rota norte

Ras Mohammed, o Estreito de Tiran e o Estreito de Gubal. Parede, corrente e o naufrágio de guerra mais visitado do planeta

CAPÍTULO VINTE E DOIS

O barco e a rotina

> *Sete noites a bordo, até quatro mergulhos por dia e um ritmo que parece confortável no primeiro dia e cobra no quarto.*

A rota norte de Sharm El Sheikh é a clássica do Mar Vermelho e funciona em ciclo semanal fixo, com embarque no **sábado** à noite e desembarque no sábado seguinte de manhã. O barco de vocês é o **Blue Force 2**, com pensão completa.

O desenho da semana

Sábado	Chegada a Sharm pela manhã, traslado e embarque no fim da tarde. Distribuição de cabines, montagem do equipamento e briefing de segurança do barco.
Dom a qui	Os dias cheios de mergulho. Ras Mohammed, Estreito de Tiran e Estreito de Gubal, com a ordem definida pelo vento e pelo mar do dia.
Sexta	Dia de dessaturação, sem mergulho, para respeitar o intervalo antes do voo. Tempo livre em Sharm El Sheikh, com o barco atracado.
Sábado	Desembarque cedo e traslado ao aeroporto.

Um dia típico

Café leve bem cedo, briefing, primeiro mergulho antes das oito. Café da manhã de verdade depois. Segundo mergulho no meio da manhã, almoço, descanso, terceiro mergulho à tarde, jantar, e o quarto mergulho, quando há, é o noturno.

Esse ritmo é o motivo pelo qual o Mar Vermelho é considerado um destino fácil e ao mesmo tempo derruba muita gente. Quatro mergulhos por dia duran-

te cinco dias são vinte mergulhos numa semana. O acúmulo de nitrogênio, de sol, de sal e de sono ruim é real.

NÃO É OBRIGATÓRIO FAZER TODOS

Pular um mergulho porque você está cansado é decisão técnica, não fraqueza. Fadiga é fator de risco de acidente de descompressão e de erro de procedimento. O mergulho que você pula é sempre mais barato que o que corre mal.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

O mapa da rota

> *Três áreas, todas a poucas horas de navegação de Sharm. Cada uma com um caráter próprio.*



Linha de costa a partir de dados do Natural Earth. Não é carta náutica e não deve ser usado para navegação.

A rota norte. Sharm El Sheikh no vértice, Ras Mohammed ao sul, os quatro recifes de Tiran a nordeste e o Estreito de Gubal a oeste, onde está o Thistlegorm. Mapa: Dive For Fun, sobre dados do Natural Earth, com as posições dos pontos de mergulho a partir de coordenadas publicadas.

A lógica é simples de guardar. **Ras Mohammed** fica ao sul, na ponta do Sinai, onde os dois golfos se encontram: é o ponto de maior fluxo de água e de maior concentração de peixe. **Tiran** fica a nordeste, no gargalo de entrada do Golfo de

Áqaba, e são quatro recifes-mesa em fila. **Gubal** fica a oeste, na boca do Golfo de Suez, é raso, e é onde estão os naufrágios.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Ras Mohammed

> *Primeiro parque nacional do Egito, criado em 1983, na ponta exata onde dois golfos se encontram. É o melhor mergulho de recife do país.*

O parque cobre cerca de **480 km²** e foi estabelecido em **1983**. Além dos recifes, protege manguezais, planícies de maré e um pedaço de deserto com fendas abertas por terremoto, algumas com poços de água de mais de 14 metros de profundidade.

Debaixo d'água, a razão de tudo é hidrodinâmica: na ponta do Sinai, a água que sobe e desce nos golfos de Suez e de Áqaba passa por um canto rochoso. Corrente constante significa comida constante, e comida constante significa cardume permanente.

Shark Reef e Yolanda Reef

O CLÁSSICO DO EGITO · PAREDE VERTICAL · DERIVA · CORRENTE FORTE

Feitos em um mergulho só, na sequência, com a corrente. Você entra em Shark Reef, um paredão que cai a pique para água muito profunda, e segue à deriva até Yolanda.

Em Shark, com a corrente boa, a parede fica coberta de vida: paredes de **fusileiros** e **vermelhos**, barracudas em coluna, xaréus caçando, tubarões-cinzentos patrulhando no azul, e o napoleão residente que aparece do nada. É frequentemente citado como um dos melhores mergulhos de recife do mundo, e a fama é merecida.

Yolanda é a curiosidade. O **Yolanda** era um cargueiro que encalhou em 1980. O casco escorregou para o abismo em uma tempestade e está fora de alcance, mas a carga ficou espalhada no raso: contêineres, e principalmente um carregamento de **louças de banheiro**. Vasos sanitários, pias e banheiras estão ali, colonizados por coral, num dos cenários mais surreais que o mergulho oferece.

Anemone City

PLATÔ · 12 A 25 M · FÁCIL

Um platô coberto de anêmonas gigantes, cada uma com seu casal de peixes-palhaço-do-mar-vermelho. É o melhor lugar da viagem para fotografia macro e para observar comportamento: territorialidade, limpeza, defesa do ninho. Costuma ser combinado com Shark e Yolanda.

Jackfish Alley

CAVERNAS RASAS E PLATÔ ARENOSO · 5 A 30 M

Começa em duas cavernas rasas, entre 5 e 9 metros, com feixes de luz entrando pelas aberturas. Depois sai para um platô de areia com jardim de coral, onde se veem raias, peixes-crocodilo e, às vezes, tubarões-de-recife descansando. Bom mergulho para máquina fotográfica e para quem quer um ritmo mais calmo.

Ras Ghozlani

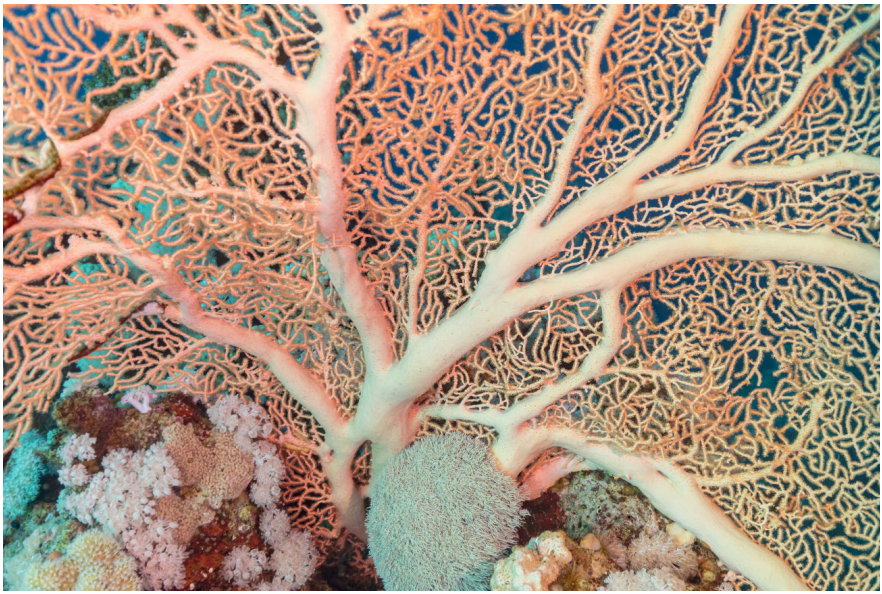
6 A 25 M · O MAIS PRESERVADO DO PARQUE

Menos visitado que os pontos famosos, e por isso com coral em estado excelente. Pináculos e jardins de coral duro em água rasa, com muita vida pequena. É o mergulho que os guias escolhem quando querem mostrar como o recife é quando ninguém pisa nele.

Shark Observatory

PAREDE VERTICAL · PROFUNDO

Uma parede que cai reto, batizada pelo mirante que existe no penhasco logo acima, em terra. Mergulho de parede puro: você navega ao lado dela olhando para o azul, e o que aparece, aparece.



Gorgônia (*Annella mollis*) no Parque Nacional de Ras Mohammed. Leques rígidos se plantam de través na corrente para filtrar o que passa. Foto: Diego Delso, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

O Estreito de Tiran

> *Quatro recifes em fila num canal de treze quilômetros de largura, com nomes de cartógrafos britânicos e carcaças de navio no topo de cada um.*

O Estreito de Tiran é o gargalo por onde toda a água do Golfo de Áqaba entra e sai. Tem cerca de **13 quilômetros de largura**, e o canal navegável do lado egípcio, chamado Enterprise, tem **290 metros de profundidade**. Um segundo canal, o Grafton, tem 73 metros. Do outro lado da Ilha de Tiran, entre ela e a Arábia Saudita, sobra um canal de apenas 16 metros.

No meio do estreito estão quatro recifes que sobem do fundo até quase a superfície, alinhados de sudoeste para nordeste. Foram batizados no século XIX por cartógrafos britânicos, e é por isso que têm nome de gente inglesa no meio do Sinai.

Gordon Reef

O MAIS AO SUL · PLATÔ ARENOSO · O NAUFRÁGIO DO LOULLIA

O mais protegido dos quatro e frequentemente o primeiro. Tem um platô de areia onde tubarões-de-pontas-brancas descansam e onde há um cemitério de tambores de óleo. No topo do recife, bem visível da superfície, estão os restos encalhados do cargueiro **Loullia**, que bateu ali em 1981 e nunca saiu.

Thomas Reef

O MENOR E O MAIS INTENSO · DERIVA · CORRENTE FORTE

O menor dos quatro e o preferido de muita gente. Coral mole em densidade absurda, gorgônias enormes, e uma parede que cai reto. Corrente costuma ser a mais forte do estreito, e o mergulho é de deriva pura.

No lado sul existe um cânion profundo, entre cerca de 35 e 96 metros. **Não é mergulho recreativo**: é território de mergulho técnico, e todo ano alguém se mete lá sem qualificação. Fique acima, onde está a vida e a luz.

Woodhouse Reef

O MAIS LONGO E ESTREITO · DERIVA DE PONTA A PONTA

Um recife alongado que se percorre à deriva, geralmente de sul para norte, sem volta. Parede vertical, cânion transversal e cavernas. Por não ter platô de refúgio, é o que mais exige atenção com a corrente: se você passar do ponto de saída, o bote precisa ir te buscar longe.

Jackson Reef

O MAIS AO NORTE · O MAIS EXPOSTO · MARTELOS NO VERÃO

O maior e o mais setentrional. No topo estão os restos do cargueiro **Lara**, encalhado em 1981. O lado norte é exposto e recebe a corrente de cheia com força total, e é ali que, no verão, aparecem cardumes de **tubarão-martelo**. Em outubro a chance já é pequena, mas o lado norte de Jackson continua sendo o lugar de olhar para o azul.

COMO SE MERGULHA EM TIRAN

Quase sempre em **deriva**: o bote solta você numa ponta e recolhe na outra. Isso muda três coisas. Você entra rápido e desce rápido, para não perder o ponto. Você não luta contra a corrente em nenhum momento, você usa ela. E você **sobe com boia disparada**, sempre, porque o bote procura boia, não cabeça.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

O Estreito de Gubal e os naufrágios

> *Um estreito raso na entrada do Golfo de Suez, na rota de todo navio que ia para o canal. O fundo está cheio de quem errou o caminho.*

O Golfo de Suez tem no máximo 70 metros de profundidade e é semeado de recifes que sobem até a superfície. Desde 1869, todo navio a caminho do Canal de Suez passa por ali. A combinação de tráfego intenso, água rasa e recifes mal cartografados no século XIX produziu um dos maiores cemitérios de naufrágios do mundo.

Kingston (ou Sara H)

ENCALHADO EM 1881 · 4 A 18 M · RASO E ILUMINADO

Um vapor britânico que bateu no recife de Shag Rock em 1881 e ficou. A popa está bem preservada, deitada no raso, e o casco virou estrutura de recife: corais-mesa enormes, cardumes de cirurgiões e peixes de vidro nos porões. Por ser raso, é mergulho longo, claro e ótimo para fotografia.

Small Crack, em Sha'ab Mahmoud

PASSAGEM RASA · ATÉ 12 M · FÁCIL

Uma fenda estreita que atravessa a barreira de recife, com jardins de *Acropora* e corais-barril dos dois lados. É um mergulho tranquilo, muitas vezes usado como último do dia ou como noturno, e é onde se vê a cara mais delicada do Mar Vermelho.

Dunraven

AFUNDADO EM 1876 · 15 A 30 M · CASCO EMBORCADO

Um vapor a vela britânico que se perdeu no recife de Sha'ab Mahmoud em 1876, indo de Liverpool a Bombaim. Está de quilha para cima, e a penetração acontece com o mundo invertido. Dentro, cardumes de peixes-de-vidro e moreias. Nem toda semana ele entra no roteiro; se entrar, aproveite.

PENETRAÇÃO EM NAUFRÁGIO

Entrar em casco é mergulho em ambiente confinado: não existe subida direta para a superfície. As regras não são negociáveis. Só entre com o guia, só em áreas com saída visível, com lanterna e lanterna reserva, sem tocar no fundo para não levantar sedimento, e sem se separar. Um porão que estava claro na entrada pode virar leite em cinco segundos se três pessoas remexerem o fundo.

CAPÍTULO VINTE E SETE

O Thistlegorm

> *Seis de outubro de 1941, uma e trinta da madrugada. Duas bombas alemãs no porão quatro. Oitenta e cinco anos depois, quase no dia, vocês vão descer nele.*

O **SS Thistlegorm** era um cargueiro britânico construído em Sunderland, na Inglaterra, pela J.L. Thompson and Sons. Foi lançado em **9 de abril de 1940** e concluído em 24 de junho do mesmo ano. Tinha 4.898 toneladas de arqueação bruta, cerca de 126 metros de comprimento e uma tripulação de 41 pessoas. Ia armado, com um canhão de 4 polegadas e um antiaéreo de 3 polegadas na popa.

A carga

Na sua quarta viagem, ele levava suprimentos para as tropas aliadas no Egito. O manifesto é o que faz deste naufrágio o que ele é:

- Caminhões **Bedford**
- Veículos blindados **Universal Carrier**
- Motocicletas **Norton 16H** e **BSA**
- Metralhadoras **Bren**, fuzis .303 e caixas de munição
- Equipamento de rádio, peças de avião, vagões ferroviários
- Botas de borracha
- Duas **locomotivas a vapor LMS Stanier Classe 8F**, com seus tênderes, levadas como carga de convés e destinadas às ferrovias egípcias

A noite

O navio estava fundeado em Sha'ab Ali, no Estreito de Gubal, esperando autorização para atravessar o Canal de Suez. Em setembro de 1941 houve um grande acúmulo de tropas aliadas no Egito, e a inteligência alemã suspeitava que um navio de transporte de tropas estivesse na área.

Dois bombardeiros **Heinkel He 111** do II Grupo da Kampfgeschwader 26 decolaram de Creta para encontrar e destruir esse transporte. Não o acharam. Na volta, um deles avistou o fundeadouro e atacou o que estava ali.

As bombas atingiram o **porão número 4**, onde estava a munição. A explosão secundária foi enorme: arrancou boa parte da superestrutura central e arremessou as duas locomotivas do convés para os dois lados do navio, onde elas continuam até hoje. Morreram nove pessoas. O marinheiro Angus Macleay recebeu a Medalha George e a Lloyd's War Medal por bravura ao salvar um companheiro.

Cousteau, e depois o esquecimento

No começo dos anos 1950, **Jacques Cousteau** localizou o naufrágio com informações de pescadores locais. Retirou algumas peças, entre elas uma motocicleta, o cofre do capitão e o sino do navio, e documentou o mergulho no livro *O Mundo Silencioso do Mar*. A edição de fevereiro de 1956 da *National Geographic* traz a reportagem.

Depois disso, o Thistlegorm sumiu do mapa outra vez, conhecido só por pescadores. Só no começo dos anos 1990, com o crescimento de Sharm El Sheikh como destino de mergulho, ele voltou a ser visitado. Hoje é, provavelmente, o naufrágio mais mergulhado do planeta.

COMO SE MERGULHA NELE

O ponto mais fundo fica em torno de **30 metros**, o que é ideal. A explosão abriu o meio do navio, e é essa destruição que torna os porões acessíveis e iluminados.

Costuma ser feito em **dois mergulhos**: um externo, para entender a forma do navio, ver as locomotivas nos dois lados, o canhão de popa e a hélice; e um interno, nos porões, onde estão os caminhões enfileirados com as motos ainda amarradas nas caçambas.

A corrente pode ser forte, e a descida é pela linha do bote. Segure a linha. Perder o cabo no Thistlegorm com corrente é ficar sem naufrágio.

É UM TÚMULO DE GUERRA

Nove pessoas morreram ali. Não retire nada, não mexa em nada, não pose de brincadeira em cima da carga. Levar um pedaço do Thistlegorm é crime no Egito e é, além disso, uma indelicadeza com quem ficou.



Destroços do SS Thistlegorm, no Estreito de Gubal. A explosão do porão de munição, em 6 de outubro de 1941, abriu o navio ao meio. Foto: Diego Delso, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Técnica, equipamento e segurança

> *O Mar Vermelho perdoa muito. As duas coisas que ele não perdoa são corrente subestimada e voo cedo demais.*

Certificação e experiência

A rota norte pede **Advanced Open Water ou equivalente**, e a razão não é profundidade: é deriva, corrente e naufrágio. Se você não tem credencial avançada, ou tem poucos mergulhos registrados, fale com a gente antes da viagem.

Equipamento

- **Roupa de 3 mm** serve para a maioria em outubro. Quem sente frio, ou faz quatro mergulhos por dia, leva 5 mm ou um colete de capuz fino.
- **Boia de superfície** de 1,5 m com carretel, obrigatória. Em deriva, é o que o bote enxerga.
- **Apito** no colete. Espelho de sinalização, se tiver.
- **Duas lanternas** para naufrágio e noturno: uma principal e uma reserva.
- **Computador de mergulho** com nitrox e uma bateria ou computador reserva.
- **Máscara reserva**, kit de o-rings, presilhas e fita.
- Protetor solar de recife, sem oxibenzona nem octinoxato.

NITROX

Na rota norte o nitrox costuma ser **opcional e pago à parte**, na faixa de algumas dezenas de euros pela semana. Vale muito. Com quatro mergulhos por dia em profundidades de 20 a 30 metros durante cinco dias, a diferença de margem de descompressão é grande. Se você não é credenciado, dá tempo de fazer o curso antes de viajar.

Segurança e a câmara

Diferentemente de destinos remotos, aqui a estrutura é boa: Sharm El Sheikh tem **câmara hiperbárica** em terra, e a navegação até o porto é de horas, não de dias. Isso reduz o risco, mas não muda os procedimentos.

- Mergulhe dentro dos limites de não descompressão.
- Parada de segurança de 3 minutos a 5 metros, sempre.
- Subida a menos de 9 metros por minuto no trecho final.
- Hidrate-se muito. Calor seco mais quatro mergulhos por dia é uma combinação traiçoeira.
- Seguro de mergulho com cobertura de câmara e evacuação, com o número de emergência impresso e não só no celular.

O INTERVALO ANTES DE VOAR, E ELE IMPORTA AQUI

Vocês desembarcam no sábado e pegam um voo interno para Luxor. Por isso a sexta-feira a bordo é **dia de dessaturação, sem mergulho**. Isso não é enrolação de operadora, é procedimento de segurança: voar cedo demais depois de uma semana de mergulhos repetitivos é uma das formas mais comuns de doença descompressiva em viagem de liveaboard.

A regra usual é de pelo menos 18 horas após mergulhos repetitivos em vários dias, e o roteiro de vocês dá bem mais que isso. Respeite mesmo assim: nada de "um mergulhinho rápido" na sexta.



PARTE SEIS

Luxor

A antiga Tebas: a maior concentração de monumentos antigos do mundo, dividida entre a margem dos vivos e a margem dos mortos

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Tebas, as duas margens

> *O Nilo divide Luxor em duas cidades com funções opostas, e essa divisão é teológica antes de ser geográfica.*

Os egípcios chamavam o lugar de **Uaset**. Os gregos chamaram de **Tebas**. Hoje se chama Luxor, do árabe *al-Uqsur*, "os palácios". Durante boa parte do Império Novo foi a capital do Egito e o centro do culto de Amon, e é por isso que quase tudo que sobrou ali é monumental.

O conjunto todo, templos e necrópole, é Patrimônio Mundial da UNESCO desde 1979, sob o nome "Tebas antiga e sua necrópole".

A margem leste, onde o sol nasce

É a margem dos vivos. Ali ficavam a cidade, os palácios e os grandes templos do culto diário: **Karnak** e o **Templo de Luxor**, ligados um ao outro por uma avenida cerimonial.

A margem oeste, onde o sol morre

É a margem dos mortos. Ali estão o **Vale dos Reis**, o **Vale das Rainhas**, os templos funerários, o vilarejo dos artesãos em Deir el-Medina e as tumbas dos nobres. O sol se põe atrás da montanha tebana, uma pirâmide natural de calcário chamada **el-Qurn**, que domina a paisagem e provavelmente foi um dos motivos da escolha do lugar.

POR QUE PARARAM DE CONSTRUIR PIRÂMIDES

Uma pirâmide é uma placa luminosa dizendo "há ouro aqui". No fim do Antigo Império praticamente todas já tinham sido saqueadas. No Império Novo a estratégia mudou: os reis passaram a se enterrar em tumbas escavadas na rocha, escondidas num vale seco atrás da montanha, com o templo funerário construído a quilômetros dali, separado do túmulo.

Funcionou melhor, mas não funcionou. Praticamente todas as tumbas do Vale dos Reis foram saqueadas na Antiguidade, muitas por gente que trabalhava na sua construção. A exceção foi KV62.

O calor

Luxor em outubro é bem mais quente que Sharm e muito mais seca que o Cairo. O Vale dos Reis é uma bacia de rocha sem sombra que funciona como forno a partir das dez da manhã, e o roteiro de vocês chega lá justamente às **10:30**, depois de Karnak.

Isso quer dizer que a parte mais dura do dia vem depois de vocês já terem andado três horas. Chapéu de aba, óculos escuros, protetor e **muito mais água do que parece necessário** não são conselho genérico aqui: são o que separa aproveitar as tumbas de atravessá-las correndo. Encha a garrafa antes de sair do hotel e de novo antes de subir para o vale.

O BALÃO, ÀS 04:30

O roteiro traz, como **opcional**, um passeio de balão sobre a margem oeste ao amanhecer. Vale muito. O balão sobe com o sol nascendo atrás da montanha tebana e você vê de cima, num único enquadramento, o Vale dos Reis, o templo de Hatshepsut encaixado na falésia, os Colossos de Memnon, a faixa verde do Nilo e o deserto começando poucos metros depois. É a melhor explicação visual de tudo o que este livro tenta descrever sobre a geografia do Egito.

Pontos práticos: é cedo mesmo, com saída do hotel por volta das 04:30; é frio antes do sol nascer, então leve casaco; e voo de balão depende de vento, então pode ser cancelado na hora, o que é chato e é a decisão certa. Como é opcional e pago à parte, decida antes e avise a operadora.

CAPÍTULO TRINTA

Karnak

> *Dois mil anos de obra contínua. Cada faraó importante do Egito acrescentou alguma coisa, e nenhum teve coragem de demolir o que o anterior fez.*

Karnak não é um templo. É um complexo de templos, capelas, pilones, obeliscos e lagos sagrados que cresceu por acumulação ao longo de mais de dois milênios, de cerca de **1970 a.C.**, com Senusret I, até o período ptolomaico. É o segundo sítio histórico mais visitado do Egito, atrás só de Gizé.

Ele tem quatro grandes recintos, e apenas o maior está aberto ao público: o **Recinto de Amon-Rá**. Quando alguém diz "Karnak", quase sempre está falando dele.

A Grande Sala Hipostila

É a razão pela qual Karnak fica na memória de todo mundo que entra. Uma sala coberta de **5.000 metros quadrados** com **134 colunas gigantescas** dispostas em **16 fileiras**.

Cento e vinte e duas dessas colunas têm **10 metros de altura**. As **doze** centrais, que formam a nave principal, têm **21 metros** e mais de **3 metros de diâmetro**. Os capitéis das colunas centrais têm forma de papiro aberto; os das laterais, de papiro fechado. A sala inteira representa um pântano de papiros petrificado, o brejo primordial de onde o mundo emergiu.

5.000 m²	134	21 m
SALA HIPOSTILA	COLUNAS	AS DOZE CENTRAIS

Originalmente a sala era **coberta** e escura, iluminada só por frestas de pedra vazada no alto. E era pintada, inteira, em cores fortes. O que hoje é bege sob o sol do deserto era, na época, um interior colorido e penumbroso. Procure nas partes altas das colunas: em alguns pontos protegidos a tinta original ainda está lá.



O Recinto de Amon-Rá em Karnak. O complexo cresceu por acumulação ao longo de mais de dois mil anos. Foto: Diego Delso, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons.

O obelisco de Hatshepsut

Hatshepsut mandou erguer dois obeliscos gêmeos na entrada do templo, que na época eram os mais altos do mundo. Um deles ainda está de pé, e é hoje o **segundo obelisco antigo mais alto ainda em pé no planeta**. O outro está caído no chão, e dá para andar ao lado dele e entender a escala.

O que procurar

- **O lago sagrado**, onde os sacerdotes se purificavam. Ainda tem água.
- **O escaravelho de Amenófis III**, um bloco de granito à beira do lago. Existe uma tradição turística de dar voltas nele para dar sorte; é lenda moderna,

mas é divertida.

- **Cartuchos raspados.** Em vários pontos você vai achar nomes cinzelados fora da pedra. É a damnatio memoriae egípcia, e boa parte dela foi feita contra Hatshepsut e contra o período de Amarna.
- **A cor.** Olhe para cima. Sempre para cima.

CAPÍTULO TRINTA E UM

O Templo de Luxor

> *Um templo que virou igreja, depois mesquita, e que continua funcionando como mesquita até hoje, seis metros acima do piso original.*

O Templo de Luxor foi construído por volta de **1400 a.C.**, em arenito da região de Gebel el-Silsila. As partes principais são de **Amenófis III**, da Décima Oitava Dinastia, com acréscimos importantes de **Tutancâmon**, **Ramsés II** e, mais tarde, capelas de Alexandre.

Ele não era um templo funerário nem exatamente a casa de um deus específico. Estava ligado ao culto do **Ka real**, o princípio divino da realeza, e ao festival de Opet, no qual as estátuas dos deuses saíam de Karnak em procissão e desciam até aqui, uma vez por ano, para renovar magicamente o poder do faraó.

As camadas

O que faz o Templo de Luxor especial é que ele nunca foi abandonado. Na época romana virou fortaleza de legião e sede do governo local. Depois, uma capela virou igreja cristã. E no século XIII foi construída sobre os escombros, já muito acima do nível antigo, a **Mesquita de Abu al-Haggag**, que continua em uso.

Quando o templo foi escavado, no século XIX, decidiu-se manter a mesquita no lugar. O resultado é uma das imagens mais impressionantes do Egito: uma porta de mesquita medieval flutuando a vários metros de altura numa parede faraônica, exatamente no nível em que estava o chão quando ela foi construída. É uma régua vertical de três mil anos de entulho.

O obelisco que foi para Paris

Na entrada havia dois obeliscos de Ramsés II. Um continua no lugar. O outro está na **Place de la Concorde**, em Paris, presente do vice-rei Mehmet Ali à França na década de 1830. Se você já esteve em Paris, já viu metade da fachada deste templo.

A Avenida das Esfinges

Karnak e o Templo de Luxor eram ligados por uma via processional de cerca de **2,7 quilômetros**, ladeada por centenas de esfinges. Ela ficou soterrada sob a cidade moderna durante séculos e foi restaurada e reaberta ao público em **novembro de 2021**, numa cerimônia que reencenou a procissão de Opet.



O obelisco remanescente de Ramsés II na entrada do Templo de Luxor. O gêmeo dele está na Place de la Concorde, em Paris, desde a década de 1830. Foto: David Berkowitz, CC BY 2.0, via Wikimedia Commons.

VÁ À NOITE

O Templo de Luxor abre à noite e é iluminado. A luz rasante nas colunas e nos relevos é incomparavelmente melhor do que o sol vertical do meio-dia, o calor é humano e o lugar fica bem mais vazio. Se der para escolher um único horário, é esse.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

O Vale dos Reis

> *Um wadi seco atrás da montanha, escolhido justamente por não ter nada de especial. Durante quinhentos anos foi o endereço mais exclusivo do mundo.*

Durante quase **500 anos**, da Décima Oitava à Vigésima Dinastia, faraós e alguns nobres poderosos do Império Novo mandaram escavar tumbas na rocha de um vale na margem oeste do Nilo, em frente a Tebas.

As tumbas são catalogadas com a sigla **KV**, de *Kings' Valley*, seguida de um número que segue a ordem de descoberta, não a cronologia. Por isso KV1 não é a mais antiga e KV62, a de Tutancâmon, tem número alto: foi das últimas a aparecer.

A anatomia de uma tumba

O padrão é um corredor descendente escavado na rocha, com uma sequência de câmaras, poços e antecâmaras, terminando na câmara funerária, onde ficava o sarcófago. As paredes são cobertas de textos funerários, o Livro dos Mortos, o Livro das Portas, o Livro do Amduat, que são literalmente **manuais de instrução** para atravessar as doze horas da noite junto com o sol e renascer de manhã.

O teto costuma ser azul-escuro com estrelas, ou, nas tumbas mais elaboradas, uma carta celeste inteira com constelações e deusas do céu.

Quais visitar

O ingresso padrão dá direito a um número limitado de tumbas, e algumas exigem bilhete extra. A rotatividade existe para reduzir o desgaste: a umidade da

respiração dos visitantes danifica as pinturas.

- **KV9, Ramsés V e Ramsés VI.** Para muita gente é a mais impressionante do vale que está aberta com bilhete comum. Corredor enorme, decoração completa e um teto astronômico duplo com a deusa Nut. Foram os escombros da construção dela que soterraram e esconderam a entrada de KV62.
- **KV17, Seti I.** Descoberta por Belzoni em 1817, é a maior e a mais finamente decorada do vale. Exige bilhete extra e caro. Se você só puder pagar um extra, considere este.
- **KV62, Tutancâmon.** Pequena, quase sem decoração, e é justamente esse o ponto: era uma tumba improvisada para uma morte inesperada. A múmia está lá, num invólucro climatizado. Vá pela história, não pela arquitetura.
- **KV11, Ramsés III.** Longa, bem preservada e com cenas de vida cotidiana raras, inclusive harpistas cegos.

FOTOGRAFIA NO VALE

As regras mudam com frequência. Em geral existe uma **taxa de câmera** comprada na bilheteria que libera fotografar dentro das tumbas, e o uso de **flash é sempre proibido**, porque a luz degrada os pigmentos. Compre a taxa na entrada, use ISO alto, apoie a câmera em algo firme e não atrapalhe a fila. Celular costuma ser tratado à parte: pergunte antes de sacar.



Interior da tumba de Ramsés V e Ramsés VI (KV9), no Vale dos Reis. O teto traz uma carta astronômica dupla com o corpo da deusa Nut. Foto: Diego Delso, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Hatshepsut, a faraó

> *Vinte e dois anos de reinado próspero, o templo mais elegante do Egito, e uma tentativa sistemática de apagá-la da história depois de morta.*

Hatshepsut reinou de aproximadamente **1479 a 1458 a.C.**, na Décima Oitava Dinastia, por cerca de **22 anos**. Era filha de Tutmés I e esposa de Tutmés II. Quando o marido morreu, o herdeiro, Tutmés III, era criança, e ela assumiu como regente. Em algum ponto entre o ano 2 e o ano 7 da regência, deixou de ser regente e passou a se declarar **faraó**, com titulatura completa.

Outras mulheres governaram o Egito antes dela, como Sobekneferu. A diferença é que Hatshepsut foi a única a fazê-lo num período de prosperidade e com poder efetivo, e não como último recurso de uma dinastia em colapso.

O que ela fez

- **Construiu muito.** Restaurou o Recinto de Mut em Karnak, devastado durante a ocupação hicsa, e ergueu ali os obeliscos gêmeos mais altos do mundo na época.
- **Mandou a expedição a Punt**, por volta de 1471 a.C., ano 9 do seu reinado. Cinco navios foram e voltaram carregados de mirra, incenso, ébano, marfim e árvores vivas de incenso, plantadas depois no seu templo. Os relevos que contam essa viagem estão em Deir el-Bahari e são um dos documentos comerciais mais detalhados da Antiguidade.
- **Governou em paz**, e ficou rica com comércio em vez de guerra, o que é raro na retórica faraônica.

Djeser-Djeseru

O templo funerário dela, em **Deir el-Bahari**, se chamava *Djeser-Djeseru*, "o sagrado dos sagrados". Foi projetado pelo arquiteto **Senenmut** e é, em opinião bastante consensual, o edifício mais elegante do Egito antigo: três terraços de colunatas encaixados na base de uma falésia de trezentos metros, com rampas centrais alinhando tudo num eixo só.

Ela não inventou a fórmula. Ao lado, e séculos antes, **Mentuhotep II** (c. 2061-2010 a.C.) já havia construído ali seu próprio templo em terraços, comemorando a reunificação do Egito. Hatshepsut construiu do lado, maior e mais refinado, o que era ao mesmo tempo homenagem e declaração.

O apagamento

Depois da morte dela, e sobretudo no fim do reinado de Tutmés III, começou uma campanha de remoção: imagens dela foram destruídas, cartuchos raspados, estátuas quebradas e enterradas, e o nome substituído pelo de antecessores masculinos em listas reais.

O motivo é discutido. A hipótese antiga, de vingança pessoal de um enteado ressentido, perdeu força, porque o apagamento começou décadas depois da morte dela. A leitura mais aceita hoje é política e dinástica: legitimar a linha sucessória masculina e remover um precedente incômodo.

Deu tão certo que Hatshepsut sumiu da história por três mil anos e só foi reconstruída pela egiptologia no século XIX. Quando você subir as rampas de Deir el-Bahari, está andando dentro de um edifício que existiu por milênios sem que ninguém soubesse de quem era.



Falcão de Hórus no templo de Hatshepsut, com a falésia de Deir el-Bahari ao fundo. Os três terraços do templo se encaixam na base da montanha. Foto: Holger Uwe Schmitt, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons.

UMA NOTA SÉRIA SOBRE ESTE LUGAR

Em **17 de novembro de 1997**, o templo de Hatshepsut foi palco de um atentado em que mais de sessenta turistas foram assassinados. Foi um golpe brutal, e a segurança em todos os sítios arqueológicos do Egito foi profundamente reformulada depois disso. Os detectores de metal, os postos de controle e a presença policial que vocês vão encontrar em cada entrada vêm daquele dia.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

O resto da margem oeste

> *O que dá para encaixar entre o Vale dos Reis e Hatshepsut, se sobrar tempo e disposição.*

Colossos de Memnon

Duas estátuas sentadas de **Amenófis III**, com cerca de 18 metros de altura, plantadas no meio de um campo. Elas eram os guardiões da entrada do templo funerário dele, que já foi o maior do Egito e do qual praticamente nada mais existe: foi levado pelas cheias e reaproveitado como pedreira.

A história boa é dos gregos. Um terremoto em **27 a.C.** rachou a estátua do norte, e a partir dali ela passou a emitir um som ao amanhecer, provavelmente ar e umidade se expandindo nas fissuras com o calor do sol. Os visitantes gregos e romanos interpretaram como o herói Mêmnon saudando sua mãe, a Aurora, e vinham de longe para ouvir. Vários assinaram a perna da estátua, e as assinaturas estão lá. Por volta de 199 d.C., o imperador **Septímio Severo** mandou restaurar a estátua. Ela nunca mais cantou.

Vale das Rainhas

Necrópole das esposas reais e dos príncipes. A joia é a tumba de **Nefertari**, esposa principal de Ramsés II, com pinturas de uma qualidade que não se repete em lugar nenhum. O acesso é limitado e o ingresso é caro, justamente para preservá-la.

Deir el-Medina

O vilarejo dos artesãos que construíram as tumbas reais, com as casas deles e as tumbas deles, decoradas com um capricho que só faz sentido quando se lembra que eram os melhores pintores do país trabalhando para si próprios. É também a fonte da maior coleção de documentos do cotidiano do Egito antigo: listas de compras, bilhetes, brigas de vizinho e o registro da primeira greve de trabalhadores documentada da história, no reinado de Ramsés III.

Medinet Habu

O templo funerário de **Ramsés III**, enorme, muito bem preservado e com relevos gravados tão fundo que a sombra faz o desenho. Recebe uma fração dos visitantes de Karnak. Se o grupo tiver tempo livre e você tiver energia, é a melhor escolha fora do roteiro padrão.



Os Colossos de Memnon, restos do templo funerário de Amenófis III. A estátua da esquerda "cantava" ao amanhecer, até ser restaurada por Septímio Severo por volta de 199 d.C. Foto: Diego Delso, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons.



PARTE SETE

O prático

Documento, dinheiro, gorjeta, sol, roupa e as pequenas coisas que separam uma viagem tranquila de uma viagem cheia de atrito

Documentos, dinheiro e gorjeta

> *Três coisas resolvem 90% do atrito no Egito: passaporte com validade folgada, dólar em espécie e notas pequenas.*

Passaporte e visto

- **Passaporte** com validade mínima de **seis meses** a partir da data de entrada. Confira hoje: renovação leva semanas.
- O **visto egípcio** costuma vir incluso nos pacotes da Dive For Fun. Confirme o seu, leve impressa a documentação que a operadora enviar e guarde uma cópia no celular.
- Leve **cópias digitais e uma cópia em papel** do passaporte, do seguro e da credencial de mergulho, guardadas separadas dos originais.
- **Credencial de mergulho** e **logbook** são conferidos no embarque do liveaboard. Se sua última credencial é digital, baixe o arquivo antes: internet a bordo é ruim.

Saúde e vacinas

- Não há exigência de febre amarela para entrar no Egito vindo do Brasil, mas as regras mudam. Confirme antes de viajar e leve o certificado internacional se você já tiver.
- Leve seus **medicamentos de uso contínuo** na bagagem de mão, em quantidade para toda a viagem e na embalagem original.
- Um kit simples resolve quase tudo: antitérmico, analgésico, antidiarreico, sal de reidratação, anti-histamínico, protetor labial e curativos.

- **Seguro de mergulho** com cobertura de câmara hiperbárica e evacuação é obrigatório para embarcar.

Dinheiro

A moeda local é a **libra egípcia (EGP)**. Cartão funciona em hotéis, restaurantes bons e lojas maiores, mas o país opera muito em dinheiro, e o liveaboard cobra extras em espécie.

- Leve **dólar ou euro em espécie**, em notas de boa qualidade. Notas rasgadas ou muito antigas costumam ser recusadas.
- Troque uma parte por libras egípcias para pequenas despesas em terra.
- **Notas pequenas são ouro** no Egito. Separe uma quantidade só para gorjeta e mantenha num bolso diferente do resto do dinheiro.
- Não deixe para sacar a bordo: não há caixa eletrônico no meio do Estreito de Gubal.

Baksheesh

Gorjeta no Egito não é bônus por serviço excepcional: é parte estrutural da renda de muita gente e faz parte de praticamente toda interação de serviço. Chama-se *baksheesh* e é normal.

Vale entender para não se irritar: o carregador que pega sua mala sem você pedir, o guarda que abre uma porta, o senhor que aponta o melhor ângulo para foto, todos esperam algo. Se você não quiser o serviço, um "*la, shukran*" (não, obrigado) firme e simpático resolve, e é melhor recusar antes do que depois.

A GORJETA DA TRIPULAÇÃO

No liveaboard, a gorjeta da tripulação é reunida no fim da semana e é uma parte importante da remuneração deles. Costuma ficar na faixa de **10% do valor da viagem**, mas o padrão varia. Combine o valor com o grupo no começo da semana, em vez de improvisar no último dia, e leve esse dinheiro em espécie já separado desde o Brasil.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Sol, água, roupa e conduta

> *O Egito é hospitaleiro e fácil. Meia dúzia de cuidados evita todo o desconforto que a viagem pode ter.*

Sol e calor

Outubro é ameno para os padrões egípcios, o que ainda significa 30 °C em Sharm e mais em Luxor, com umidade baixíssima e sol vertical. Ar seco engana: você sua e não percebe, porque evapora na hora.

- Beba água o dia inteiro, mesmo sem sede. No barco, com quatro mergulhos, dobre isso.
- Chapéu de aba, óculos escuros e protetor solar de recife. Camisa de lycra de manga longa é melhor que qualquer protetor.
- Nos templos não há sombra. Comece cedo.

Água e comida

- Beba **água engarrafada** em terra, e confira o lacre. No liveaboard a água servida é potável.
- Cuidado com gelo em lugares improvisados e com salada crua fora de restaurante confiável.
- Comida de rua boa existe e é deliciosa. Escolha lugares com fila e rotatividade alta.

Como se vestir

O Egito é um país muçulmano de maioria conservadora, mas acostumadíssimo a turista. Ninguém vai exigir nada de você em Sharm, que é uma bolha de resort. Fora dela, vale respeito básico, e ele é retribuído.

- Em templos, sítios arqueológicos e no Cairo, prefira **ombros e joelhos cobertos**. Roupa leve e comprida também protege do sol.
- Para **entrar em mesquita**, sapato fora e cabelo coberto para mulheres. Leve um lenço leve na bolsa.
- Calçado fechado e firme para o Vale dos Reis e para Karnak. Você vai andar em pedra irregular.
- No barco, o de sempre: chinelo, short, e um agasalho para a noite.

Conduta

- **Peça antes de fotografar pessoas.** Vale sempre, e principalmente com crianças e mulheres.
- Não fotografe instalações militares, policiais, pontes e aeroportos. É levado a sério.
- Pechinchar em bazar é esperado e é um jogo social, não uma briga. Se você não pretende comprar, não comece a negociar.
- Demonstrações de afeto em público, moderação. Álcool, só em hotéis e áreas turísticas.
- Aprender três palavras muda o tom de todas as interações: *salam aleikum* (olá), *shukran* (obrigado), *khalas* (chega, pronto).

A REGRA DE OURO DA VIAGEM

Você vai ser abordado muitas vezes por dia, por vendedores, guias informais e cameleiros. Nada disso é hostil, é comércio. Um sorriso, um "não, obrigado" claro e seguir andando resolve tudo. Irritação não resolve nada e estraga o seu dia, não o deles.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Fotografar o Egito

> *Duas viagens fotográficas muito diferentes, em uma mala só: pedra sob sol duro e recife em água de quarenta metros de visibilidade.*

Em terra

- **Luz.** Sol vertical do meio-dia é o pior inimigo da pedra: achata tudo e estoura o branco do calcário. As primeiras e as últimas duas horas do dia valem por todo o resto. O Templo de Luxor iluminado à noite é o melhor cenário da viagem.
- **Lentes.** Uma grande-angular para caber a sala hipostila, e uma tele curta para comprimir a fila de colunas e para detalhes de relevo lá em cima.
- **Dentro das tumbas.** Flash é proibido, sempre. Compre a taxa de câmera na bilheteria, use ISO alto, abra o diafragma e estabilize apoiando a câmera. Tripé em geral não é permitido.
- **Poeira.** Não troque lente ao ar livre no Vale dos Reis se houver qualquer vento. A areia do deserto é finíssima e entra em tudo.

Embaixo d'água

- **Grande-angular na maior parte do tempo.** Parede, cardume, naufrágio e coral mole pedem ângulo aberto e proximidade.
- **Macro em um ou dois mergulhos.** Anemone City, o peixe-crocodilo e os nudibrânquios justificam trocar a porta.
- **Visibilidade alta engana.** Com 40 metros de água limpa dá vontade de fotografar de longe. Não funciona: continue chegando perto, porque a água ainda come contraste e cor.

- **Nos porões do Thistlegorm**, luz contínua ajuda a compor e a focar. Flashes bem afastados evitam backscatter no sedimento suspenso.
- **Cuidado com a câmera na deriva.** Em Tiran, com corrente, uma câmera pendurada e solta vira um martelo balançando contra o coral. Prenda curto.

CHECKLIST DO EQUIPAMENTO

Baterias e carregadores com adaptador de tomada tipo C e F (padrão europeu, usado no Egito), cartões de sobra, o-rings sobressalentes e graxa de silicone, escova macia para o sulco da vedação, sílica gel, panos de microfibra e um saco selável para guardar a caixa estanque com a areia do dia. Faça o teste de vazamento em água doce no primeiro dia, antes do primeiro mergulho de verdade.

APÊNDICE A

Como a viagem se organiza

> *A forma do roteiro, que é sempre a mesma, e a razão de cada bloco estar onde está.*

Este apêndice descreve o desenho da viagem, não os horários dela. Datas, números de voo, hotéis e vouchers mudam de grupo para grupo e de ano para ano, e por isso vivem no **guia pré-viagem online**, que a Dive For Fun mantém atualizado. O que está aqui é o que não muda.

Três blocos, nesta ordem

Cairo e Gizé	Abre a viagem. As **Pirâmides**, a **Esfinge**, o Templo do Vale de Quéfren e **Saqqara** num dia; o **Grand Egyptian Museum** e a **Cidadela de Saladino** no outro. Vem primeiro porque o voo internacional pousa no Cairo.
Mar Vermelho	O bloco mais longo: **sete noites a bordo** na rota norte, saindo de Sharm El Sheikh. Fica no meio porque é o único trecho com dia fixo de embarque, e o resto do roteiro se encaixa em volta dele.
Luxor	Fecha a viagem. **Karnak**, o **Templo de Luxor**, o **Vale dos Reis**, **Hatshepsut** e os Colossos de Memnon. Vem por último porque o intervalo de dessaturação já foi cumprido a bordo e o voo de volta sai do Cairo.

A semana a bordo

A rota norte funciona em **ciclo semanal fixo**, de sábado a sábado. Embarque no fim do primeiro sábado, os dias cheios de mergulho no meio, a sexta-feira de

dessaturação sem mergulho e o desembarque no sábado seguinte pela manhã. O capítulo vinte e dois detalha a rotina de um dia típico.

Os voos internos

São operados pela Egypt Air e todos passam pelo **Cairo**, que é o eixo da malha doméstica egípcia. **Não existe voo direto entre Sharm El Sheikh e Luxor**: quem sai do barco e vai para Luxor volta ao Cairo e desce de lá. Cada trecho leva cerca de uma hora no ar, e a conexão no Cairo costuma ser a parte demorada do dia.

Os momentos puxados de um roteiro assim

- **O primeiro dia.** O voo internacional costuma pousar no Cairo de madrugada ou no começo da manhã, e o passeio das pirâmides começa logo depois. É o dia mais cansativo da viagem e é justamente o mais esperado. Durma no avião e deixe a mala organizada.
- **A saída para Sharm.** O voo doméstico é cedo, o que significa deixar o hotel ainda de madrugada. Arrume tudo na noite anterior, inclusive o equipamento de mergulho.
- **O dia do desembarque.** Sair do barco de manhã e só chegar a Luxor no fim da tarde é normal, por causa da conexão no Cairo. Leve livro, carregador e paciência.

O que costuma estar incluso

- Voos internos em território egípcio
- Hotel no Cairo e em Luxor, com café da manhã
- Sete noites no liveaboard, em pensão completa, com os dias de mergulho
- Traslados em veículo privativo e assistência no aeroporto e no hotel
- Passeios guiados no Cairo e em Luxor
- Visto egípcio

- Seguro viagem internacional

O que costuma ficar de fora

- Passagem aérea internacional
- **Seguro de mergulho** com cobertura de câmara hiperbárica e evacuação, que é obrigatório para embarcar
- Nitrox a bordo, cobrado à parte na rota norte
- Taxas locais de parque nacional, câmara e meio ambiente, e a taxa de serviço do barco, pagas em espécie a bordo
- Passeio de balão em Luxor, que é opcional
- Gorjetas, tanto da tripulação quanto dos guias em terra
- Taxa de câmera nas tumbas e ingresso de tumbas especiais, como Seti I e Nefertari
- Bebidas alcoólicas e extras pessoais

Descrição geral do formato da viagem. O que vale para a sua é o contrato e o voucher que a Dive For Fun emitiu, e os horários confirmados no guia pré-viagem online.

APÊNDICE B

Lista de espécies

> *As espécies citadas no livro, com nome científico e status na Lista Vermelha da IUCN.*

Peixes de recife

Nome comum	Nome científico	Nota
Anthias-de-cauda-de-lira	*Pseudanthias squamipinnis*	LC
Peixe-palhaço-do-mar-vermelho	*Amphiprion bicinctus*	endêmico
Peixe-borboleta-de-dorso-vermelho	*Chaetodon paucifasciatus*	endêmico
Baiacu-mascarado	*Arothron diadematus*	endêmico
Peixe-napoleão	*Cheilinus undulatus*	EN
Peixe-crocodilo	*Papilloculiceps longiceps*	LC
Peixe-leão	*Pterois miles*	LC
Peixe-pedra	*Synanceia verrucosa*	venenoso
Peixe-gatilho-titã	*Balistoides viridescens*	territorial

Tubarões e grandes pelágicos

Nome comum	Nome científico	IUCN
Tubarão-oceânico-de-pontas-brancas	*Carcharhinus longimanus*	CR
Tubarão-martelo-recortado	*Sphyrna lewini*	CR
Tubarão-baleia	*Rhincodon typus*	EN
Tubarão-cinzento-de-recife	*Carcharhinus amblyrhynchos*	EN
Tubarão-de-recife-de-pontas-brancas	*Triaenodon obesus*	VU
Golfinho-rotador	*Stenella longirostris*	LC

Répteis e mamíferos marinhos

Nome comum	Nome científico	IUCN
Tartaruga-de-pente	*Eretmochelys imbricata*	CR
Tartaruga-verde	*Chelonia mydas*	EN
Dugongo	*Dugong dugon*	VU

Corais e invertebrados

Nome comum	Nome científico	Nota
Coral mole	*Dendronephthya spp.*	sem esqueleto
Gorgônia	*Annella mollis*	leque
Coral ramificado e de mesa	*Acropora spp.*	construtor
Coral maciço	*Porites spp.*	construtor
Coral de fogo	*Millepora spp.*	urticante

CR criticamente em perigo · EN em perigo · VU vulnerável · LC pouco preocupante. Classificações da Lista Vermelha da IUCN, sujeitas a revisão. “Endêmico” indica ocorrência restrita ao Mar Vermelho e adjacências.

APÊNDICE C

Glossário

> *Os termos que aparecem nas placas dos templos e nos briefings do barco.*

Egito antigo

Ankh

Cruz com alça no topo. Significa vida.

Cartucho

Oval alongado que cerca o nome de um rei ou rainha em escrita hieroglífica.

Hipostila

Sala cuja cobertura é sustentada por colunas. A de Karnak tem 134.

Ka e Ba

Duas das componentes da pessoa. O ka é a força vital, que precisa do corpo preservado; o ba, mais próximo da personalidade, é representado como um pássaro com cabeça humana.

KV

Kings' Valley. Prefixo de catalogação das tumbas do Vale dos Reis, seguido do número de ordem de descoberta.

Ma'at

Verdade, ordem e equilíbrio cósmico, representados por uma pena de avestruz. Manter Ma'at era a função central do faraó.

Mastaba

Tumba retangular de topo plano, típica do período anterior às pirâmides.

Nilômetro

Estrutura graduada na margem do rio, usada para medir a altura da cheia e calcular o imposto.

Obelisco

Monólito de seção quadrada e ponta piramidal, erguido em pares na entrada dos templos.

Pilone

A fachada monumental de um templo egípcio, formada por duas torres trapezoidais com um portal no meio.

Templo funerário

Templo do culto de um rei morto, construído separado da tumba no Império Novo. O de Hatshepsut é o exemplo mais famoso.

Wadi

Vale seco de deserto, percorrido por água apenas em enxurradas raras. O Vale dos Reis é um wadi.

Mar Vermelho e mergulho

Baksheesh

Gorjeta, em árabe. Parte estrutural da renda de muitos prestadores de serviço no Egito.

Coral duro e coral mole

O duro deposita esqueleto de carbonato e constrói o recife; o mole se sustenta com água e cresce por cima, inclusive no escuro.

Deriva

Mergulho em que o grupo se desloca com a corrente e é recolhido pelo bote em outro ponto.

Liveaboard

Embarcação de mergulho com hospedagem a bordo, que permite alcançar pontos longe da costa.

Migração lessepsiana

Passagem de espécies do Mar Vermelho para o Mediterrâneo pelo Canal de Suez, aberto em 1869.

Nitrox (EANx)

Mistura respiratória com mais oxigênio que o ar, que amplia a margem de descompressão em mergulhos repetitivos.

Rifte

Fenda tectônica onde duas placas se afastam. O Mar Vermelho ocupa uma.

Ressurgência

Subida de água profunda e rica em nutrientes até a zona iluminada.

SMB

Boia de superfície disparada do fundo para marcar a posição do mergulhador. Obrigatória em deriva.

Termoclina

Camada onde a temperatura da água cai bruscamente. No Mar Vermelho ela é fraca, ao contrário de destinos como Cocos.

APÊNDICE D

Fontes

De onde vieram os números deste livro.

1. **UNESCO, Centro do Patrimônio Mundial.** “Mênfis e sua necrópole: os campos de pirâmides de Gizé a Dahshur” e “Tebas antiga e sua necrópole”, ambos inscritos em 1979.
2. **Tallet, P. e Marouard, G.** Escavações em Wadi al-Jarf e publicação do diário do inspetor Merer, o papiro inscrito mais antigo já encontrado no Egito, descoberto em 2013.
3. **Lehner, M.** *The Complete Pyramids*, e trabalhos de Lehner e Hawass sobre a estrutura, as dimensões e a cidade de operários de Gizé.
4. **Grand Egyptian Museum.** Dados oficiais de acervo, área e inauguração em 1º de novembro de 2025.
5. **Reeves, N.** e literatura sobre a descoberta de KV62 por Howard Carter e Lorde Carnarvon, a partir de 4 de novembro de 1922.
6. **Tyldesley, J.** *Hatchepsut: The Female Pharaoh*, e bibliografia sobre a cronologia do reinado e o apagamento posterior.
7. **Wikipédia em inglês**, verbetes “Great Pyramid of Giza”, “Giza pyramid complex”, “Great Sphinx of Giza”, “Grand Egyptian Museum”, “Karnak”, “Luxor Temple”, “Valley of the Kings”, “Deir el-Bahari”, “Hatshepsut”, “Tutankhamun”, “Red Sea”, “Gulf of Aqaba”, “Gulf of Suez”, “Straits of Tiran”, “Ras Muhammad National Park” e “SS Thistlegorm”, usados como ponto de partida e conferidos contra as fontes primárias que eles citam.
8. **Bibliografia oceanográfica do Mar Vermelho** sobre salinidade, temperatura, batimetria e o Rifte do Mar Vermelho, incluindo estudos de expansão do fundo oceânico que datam o início do rifteamento em cerca de 30 milhões de anos.
9. **Fine, M. e colaboradores.** Pesquisa sobre a tolerância térmica excepcional dos corais do norte do Mar Vermelho e do Golfo de Áqaba, e sobre o papel da região como possível refúgio climático.
10. **Estudos de 2024 e 2025** sobre ondas de calor marinhas no Golfo de Áqaba e os primeiros registros de branqueamento nesses corais resistentes.
11. **Lista Vermelha da IUCN.** Avaliações de *Carcharhinus longimanus*, *Sphyrna lewini*, *Rhincodon typus*, *Carcharhinus amblyrhynchos*, *Triaenodon obesus*, *Cheilinus undulatus*, *Eretmochelys imbricata*, *Chelonia mydas* e *Dugong dugon*.
12. **Blue Force Fleet.** Roteiro publicado da rota Sharm North, com a sequência de dias, a lista de pontos de mergulho e os requisitos de certificação.
13. **Divers Alert Network.** Recomendações sobre intervalo de superfície antes de voo e sobre mergulho repetitivo em liveaboard.

14. **Heródoto.** *Histórias*, livro II, século V a.C., para a frase sobre a dádiva do rio e para a descrição do Egito no período persa.

UMA NOTA SOBRE DIVERGÊNCIAS

Dois pontos deste livro merecem cautela. As **datas faraônicas** variam entre autores e nenhuma anterior a cerca de 690 a.C. é absoluta. E os **nomes dos pontos de mergulho** têm grafias variadas na literatura náutica e nos guias de bordo, porque são transliterações do árabe: Sha'ab Mahmoud, Shaab Mahmud e Shaab Mahmoud são o mesmo lugar.

APÊNDICE E

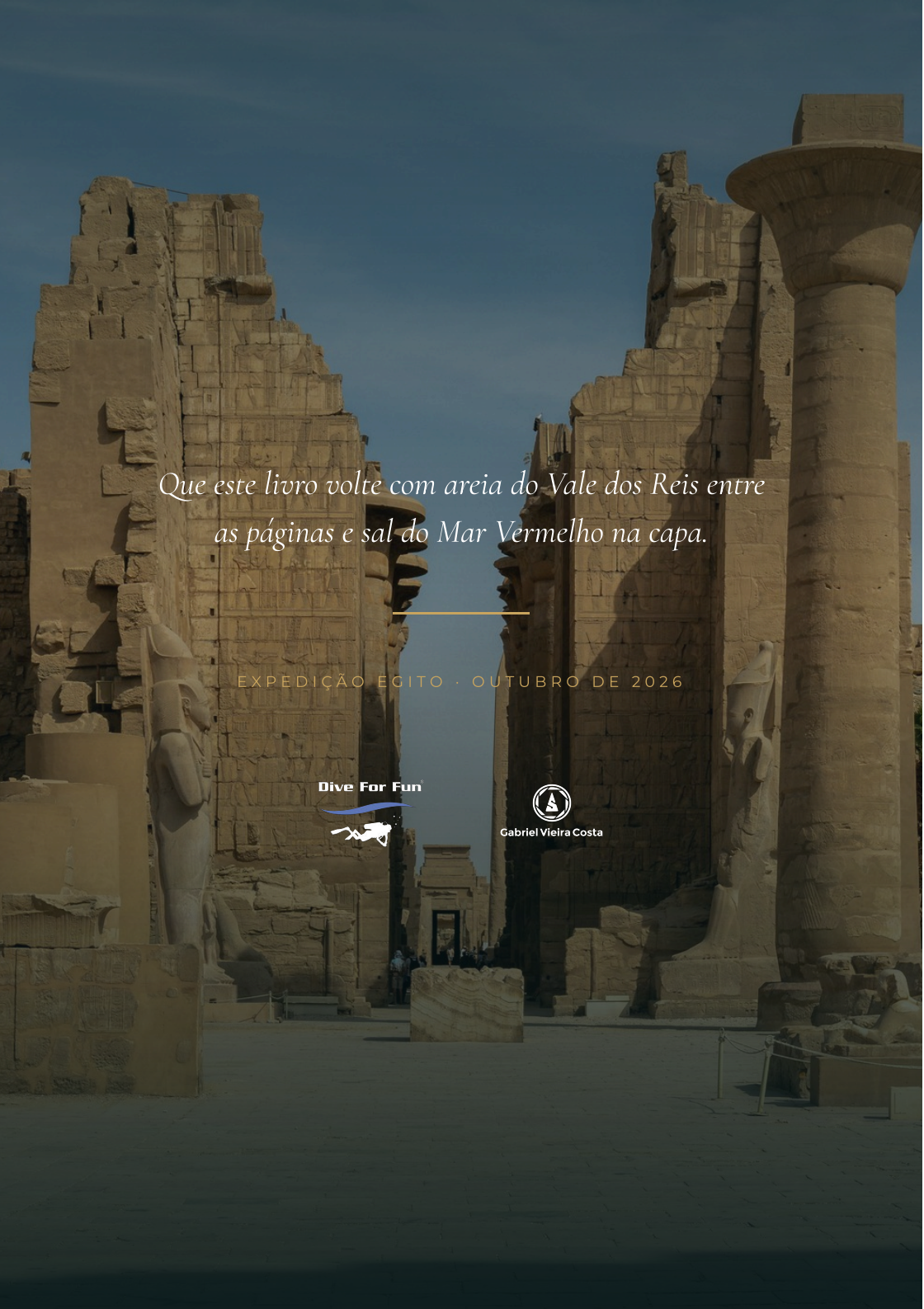
Créditos de imagem

Imagem	Autoria e licença
Capa e Parte 7, o Nilo em Luxor	Diego Delso, CC BY-SA 4.0.
A Grande Esfinge	Hamerani, CC BY-SA 4.0.
Esfinge e Grande Pirâmide, panorama	kallerna, CC BY-SA 3.0.
Ramsés II no átrio do GEM	Sohilaali869, CC BY-SA 4.0.
Máscara de Tutancâmon	Tarekheikal, CC BY-SA 4.0.
Seti I, pintura de tumba	Osama Shukir Muhammed Amin FRCP(Glasg), CC BY-SA 4.0.
Karnak, Colossos de Memnon, KV9, Thistlegorm, corais, peixes e animais peçonhentos do Mar Vermelho	Diego Delso, CC BY-SA 4.0.
Tubarão-oceânico-de-pontas-brancas, em Elphinstone	Thomas Ehrensperger, CC BY-SA 3.0.
Pedra de Roseta	Hans Hillewaert, CC BY-SA 4.0.
Cartucho de Ramsés II	Dapaan, CC BY-SA 3.0.
Pesagem do coração, papiro de Hunefer	Museu Britânico, domínio público.
Figuras dos nove deuses	Jeff Dahl, CC BY-SA 4.0.
Templo de Hatshepsut	Holger Uwe Schmitt, CC BY-SA 4.0.
Templo de Luxor à noite	David Berkowitz, CC BY 2.0.
Recife em Naama Bay	74papa, CC BY 4.0.
Faluca no Nilo	Mustang Joe, CC0.
Mapas	Dive For Fun, sobre linha de costa, rios e lagos do **Natural Earth** (domínio público, naturalearthdata.com).
Diagramas e esquemas de sinais	Dive For Fun.

Todas as imagens deste livro vieram do Wikimedia Commons. As fotografias foram feitas no Egito, nos lugares que aparecem nelas, com uma exceção: a Pedra de Roseta está no Museu Britânico, em Londres, desde 1802. As figuras dos deuses e os esquemas de sinais hieroglíficos são desenhos, não fotos.

Licenças Creative Commons: **CCo** dispensa atribuição, **CC BY** e **CC BY-SA** permitem uso e redistribuição com atribuição ao autor. Os termos completos estão em creativecommons.org.

Anotações



Que este livro volte com areia do Vale dos Reis entre as páginas e sal do Mar Vermelho na capa.

EXPEDIÇÃO EGITO · OUTUBRO DE 2026

Dive For Fun

Gabriel Vieira Costa

O rio, a pedra e o mar

Uma civilização de cinco mil anos cresceu na margem de um rio, a duzentos quilômetros de um oceano que ainda está nascendo. Este livro cobre os dois: como se ergue uma pirâmide sem roldana, o que aconteceu na noite de 6 de outubro de 1941 no Estreito de Gubal, por que os corais daqui aguentam calor que mata coral no mundo inteiro, e quem foi a mulher cujo nome tentaram raspar de todas as paredes.

Dive For Fun

Gabriel Vieira Costa

DIVEFORFUN.COM.BR

Edição de cortesia · Expedição Egito 2026 · Não comercializável